

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

RENATO DE SOUSA RIBEIRO

**A vida cotidiana no espaço urbano: reprodução social de catadores em situação de rua
no Centro da metrópole paulistana.**

São Paulo

2017

RENATO DE SOUSA RIBEIRO

**A vida cotidiana no espaço urbano: reprodução social de catadores em situação de rua
no Centro da metrópole paulistana.**

Versao corrigida

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr^a. Marta Inez Medeiros Marques

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R484v Ribeiro, Renato de Sousa
A vida cotidiana no espaço urbano: reprodução social de catadores em situação de rua no Centro da metrópole paulistana / Renato de Sousa Ribeiro ; orientadora Marta Inez Medeiros Marques. - São Paulo, 2017.
71 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Espaço Urbano. 2. Cotidiano. 3. Centro de São Paulo. 4. Reprodução Social. 5. Catadores em Situação de Rua. I. Marques, Marta Inez Medeiros, orient. II. Título.

Dedico este trabalho à minha família, principalmente à minha mãe, Faride, que com todas as dificuldade da vida criou a mim, a meu irmão, Ronaldo, e às minhas irmãs, Isabel e Lourdes. *In memorian* do Pai, Antônio, que assentou tijolos e mexeu massa na USP, mas não pôde ver seu filho formado pela mesma. Também dedico *in memorian* daqueles amigos que já se foram e que sequer puderam sonhar em estar na Universidade, ao Orlandinho, ao Ronald e ao Douglas.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento neste momento é algo extremamente difícil, pois o risco de deixar pessoas de fora é sempre grande, mas também pelo filme que passa em nossas mentes. Contudo, se por ventura eu esquecer alguém, foi mais pela emoção do momento.

Agradeço profundamente à minha orientadora, Marta, pela dedicação e paciência com todos os momentos deste trabalho, às vezes, fora do âmbito do seu trabalho.

À Semana de Geografia que me deu o primeiro sentido dentro da Universidade, desde as pessoas que fazem parte da organização até os estudantes das escolas públicas que pude ter contato. Em especial preciso agradecer às professoras Glória e Valéria pela dedicação para que o projeto continue, assim como os "Batutinhos" (Bianca, Joãozinho, Filipe, Nara e Edmundo), o Eric, o Marcelo e os demais participantes que ainda estão na Luta Pela Escola Pública. A velha-guarda não pode ser esquecida: Jéssica, Rebecca Mayumi, Denise, Felipe, Diogo, Mariana, Érica, que foi uma das idealizadoras do projeto lá em 2002 e que pude conhecer nesses seis anos junto ao projeto. Ah, ao Ricardo O' Plácido e ao Cebola, pelas oficinas.

À CONEEG e à EREG-SE que me fizeram encontraram segundo sentido para a Universidade, agora dentro do Movimento Estudantil. Aqui muitas pessoas contribuíram, do sul ao nordeste, para minha formação política: de Santa Maria-RS quero lembrar do Bruno, do Thaimon, do André e da Greice (em breve vou conhecer a Maria Flor), ao Robertinho, ao Tonico, ao Gago e todas aquelas pessoas do DAGEO-UFSM que aceitaram sediar e somaram na luta na construção do XXI ENEG; de Porto Alegre-RS à Luiza Alves, Luisinha e a Eduarda (Marronis); de Floripa-SC ao Caligeo-UFSC e à Renata, à Clara, ao JV; de Curitiba e da UFPR à Marci e ao Kauê (que é daqui, mas resolveu se juntar com Marci por lá!), à Lia, ao Daniel, ao Giordano e Marcos Antonio que estão juntos no CEGET e na luta com o MST; da UEPG-PR não posso esquecer da Mayã e do Emerson; da UFMT à Glaucia, ao Takata, ao Rodrigo e ao Emerson, estes dois já aqui conosco na USP; UFG-GO à Rosa Flor, ao Genisi, Marcella, Raquel e Matheus Em Brasília ao Gabriel, na Paraíba ao pessoal UFPB e do CEGET, ao Kio, Caio, André, Rodrigo, Humberto, Diego (foi somente onda!) à Raysa, Vanessa; no Rio de Janeiro as pessoas da IFF-Campos, em especial à Isa (Delinquente), à Priscila, ao Bruno, o Luan e à Thais (também vou conhecer a Maria Flor!); ao pessoal todo da UFF, à Amanda, Clara, Ana, Bruno Araújo (porque o sol também é uma estrela!), Sandrão, Bea Berla, Luyanne, Júlia e meu irmão de coração o Thiago Damas (Também, em muito

breve, vou conhecer a Helena) - que EREGEO foi aquele!?: da UERJ-FFP minha grandes irmãs de luta, Ludmilla e Ana Carol, também a Indiara, Taty e Júlia; da UERJ-FEBJ ao Hugo; da UFES-ES ao Reinaldo, que me entende em termos astrológicos, à Amanda Carli, Rámon e Renato; de Minas Gerais as lindezas de UFJF, Verônica, Lucão, Daniel, Alice, Vitor Barreto, Trakinas (por que existe amor em SP!), Diego Dhermani, Mahalia, que divide comigo o Albert (o que dizer de você!) e a Dona Fátima, que sabe o que sofro com a bagunça do Albertino; em São Paulo as pessoas da UFScar, em especial à Voadora, grande amiga, e ao Fernando Jandira, também na luta diária de ser professor do Estado; e por fim, ao Thiagão da PUC e a Ana Cláudia da UNESP-Rio Claro. Quantas coisas aprendi com vocês todos sobre Geografia e sobre o Brasil. Minha formação política, profissional e pessoal passaram por vocês nos Conselhos da CONEEG e da EREG, na construção dos EREGEOS e das tentativas de ENEG até chegar lá em Santa Maria. O rolê foi loko!

Na USP as coisas se misturam muito, mas vamos lá: aos meninos do pós que sempre me ajudaram: Renan, Danilo, Damião, Dennys (Ceára), obrigado mesmo pelos toques e por terem lido comigo os primeiros rabiscos desse TGI. Aos Grupos de Leituras do Capital, com o Caio (meias-verdades demais, rapaz!), Ricardo, Marília (Moratense, sim!), Juliana Camacho; do Lefebvre, com o Professor César e o pessoal da graduação, o outro com a Professora Isabel, Tiago e Carine, e com a professora Fani e seus orientandos do GESP, entre eles, ao Rafael. Esses espaços foram fundamentais.

As pessoas que fazem a USP acontecer: Orlandinho, Tião, Marlon, Luciana, na secretaria de graduação; a eterna técnica do Labur, Flor, que me ensinou os caminhos obscuros da Universidade, e ao Jack-Jack, técnico do Labur. Ao Lúcio no Lapel tenho que agradecer também. À todas as pessoas que trabalham nos bandejões, tanto os normais quanto os privatizados, que me proporcionaram a melhor e mais diversificada alimentação que já tive. Muito obrigado!

Às professoras e aos professores que tive nesses anos aqui na USP, em especial, as professoras Glória, Valéria, Marta, Isabel, Sueli, Simoni, Fani que trabalham muito para fazer o DG ser o que é, e aos professores César e Colangelo.

Ao CEGE por ter propiciado todo aquele segundo momento de encontro com a Universidade e de um aprendizado político essencial.

As pessoas que dividiram esses anos a vivência do CRUSP: Minas (Edson), Leopoldo (Rafael), Gustavo Pagador, Susi, Ana Clara (Curris!), Clareana, Letícia (Tits), Daniel (Geocanabico) e muitas outras pessoas que agora me fogem a cabeça; Não posso

deixar de agradecer as pessoas que conviverem no mesmo teto: em primeiro as pessoas do 103, à Narúbia, à Patrícia, Alemão, Luiz, e a Carol, que podemos caminhar um bom tempo juntos e a quem tenho um imenso carinho. Em segundo as pessoas do 505, Igor, Lara, Lucas, Thiago Deus e Janaína e a pequena Elis.

À Francine que extrapolou em muito os espaços do CEGE, da Semana de Geografia e da própria Geografia, e hoje é uma pessoa indispensável na minha vida. Nossa amizade é um grande ganho para mim.

À Juliana Bonfim, À Amanda Lima e ao Fernando Rocha por tudo que podemos vivenciar em conjunto na Geografia, das viagens às brigas no CEGE, CONEEG e EREG-SE. Difícil em nossa trajetória na Geografia falar de um e não falar dos quadros. Causamos!

As amizades que fiz aqui na USP: à Jessica Godoy, que revisou muito meus textos; ao Felipão, com quem pude viajar pela primeira vez de avião indo ao Peru (nunca tinha imaginado nenhum e nem o outro!); ao Gilsão pelas conversas sinceras, cervejas geladas e o Palmeiras; a Tatá e ao Marcelo pela referência que são para mim. Ao Tuwile também, que conheci em Lima-PE, mas que nesse momento, está puxando uma tarefa há muito atrasada no DG-USP, com o grupo de pesquisa sobre relações etnico-raciais.

Não posso deixar de agradecer aquelas que pessoas que me incentivaram a não desistir do vestibular na época do cursinho: Maurício, Guilherme, Raquel, Ricardo, Léo, Dayse, Mia, e, em especial, a Teka. Amizade de vocês é lembrar sempre da trajetória difícil que tivemos para chegar aqui.

Aqui tenho que agradecer a paciência que as amizades de Francisco Morato tiveram comigo, pois realizar tudo isso, tive que me fazer ausente (ausente até demais): Tom, Amaury, Binha, Naty, Jhonny, Clóvis, Simone, Rael, Inês, Noel, Japa, Renato, Karina, André, Guiga, Robson, Aline, Gu, Alemão e tantos outros dos tempos da escola, do campinho, dos rolês de *clubbers*.

Ao instituto AMMA-Negritude e Psique, agradeço pela força que vocês todos me dão: Nelson, Rê, Gerson, Jefferson, Canu, Maria Lúcia, Jussara e Adriana.

À Jéssica Castro, da UFF, pelos momentos, ideias, dilemas, conflitos, enfim, pela amizade sincera, mas agora se torna também da família, pois, ser padrinho da Emília me faz colocá-la nesse patamar! Espero corresponder a tarefa que me entrega.

À Amanda Lejanoski que caminhamos juntos nesse último ano e que o deixou menos difícil e sombrio.

Por fim, mas mais importante, à minha família, que também devo desculpas pela ausências. O apoio de vocês sempre foi importante. À minha mãe que me ensinou que mesmo na dificuldade dividir é sempre melhor. À minha irmã, Isabel, por ser meu referencial desde pequeno, tanto por cuidar de mim e do Naldo enquanto a mãe ia buscar o pão quanto por ter tido em casa alguém que buscou os estudos (uma pena que naquela época ultrapassar a barreira do vestibular era muito mais difícil, as vagas eram poucas demais. Hoje as universidades estão mais populares, graças aos anos de governos petistas). Tenho duas mães. A Lurdes pelas risadas e sobrinhos lindos que tenho. Ao meu pai (In memoriam) que hoje posso entender ter sido tão quieto. Levou muita gente de lá para cá nos ônibus dessa cidade, ajudou a construir o campus da USP - Leste, junto com os meus outros tios paternos, assentando tijolos e mexendo massa. Infelizmente, não deu tempo de me formado na instituição que ajudou a construir.

As pessoas todas aqui citadas são especiais para mim de alguma forma e não me referir a elas seria angustiante para mim. Não fiz nada sozinho.

Ao Senhor Ângelo eu agradeço a oportunidade de poder fazer o trabalho de pesquisa sobre seu trabalho, sua vivencia. Além disso, agradeço por renovar a vontade de lutar por um mundo diferente e de me lembram, aquilo que minha mãe me ensinou, que antes de tudo importam as pessoas e não as teorias. Muitíssimo obrigado!

Foi no centro de São Paulo
Me perdi do meu irmão
Eu só tenho 9 anos
Quero encontrar minha mãe
Perdi tudo que eu tinha
Sou catador de latinha
Ferro velho e papelão (...)
Minha vida é desse jeito não esconde de ninguém
A tristeza no meu peito machuca e fere também
Meus olhos choram fumaça durmo no banco da
praça
Enquanto o guarda não vem(...)

(Menino de Rua, Pepe Moreno)

Ah! Caicó arcaico
Em meu peito catolaico
Tudo é descrença e fé

(A prosa impúrpura do Caicó, Chico César)

Elites no comando aproveitadores lucram
o povo se virando trabalhadores lutam
Na rua a gente vê a real, negô
São coisas de Brasil, não é mole não
Sentado no sofá não vai dar, negô
Nem tudo é verdade na televisão

(Coisas de Brasil, Rincon Sapiência)

RESUMO

RIBEIRO, Renato de Sousa. **A vida cotidiana no espaço urbano: reprodução social de catadores em situação de rua no Centro da metrópole paulistana.** 2017. 71 p. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

O estudo que segue apresenta reflexões sobre a vida cotidiana e o cotidiano de catadores de materiais recicláveis que estão em situação de rua. A compreensão desse segmento social a partir do movimento de industrialização-urbanização-metropolização da cidade de São Paulo possibilita reconhecer os dentro do processo de constituição da sociedade urbana. Assim, o Centro de São Paulo, uma das centralidades da metrópole, é lugar privilegiado, pois, no plano do lugar é que a vida cotidiana aparece enquanto expressão do movimento mais geral de toda a sociedade. Apresentamos esses aspectos à luz dos trabalhos de Henri Lefebvre, onde o método regressivo-progressivo nos permitiu olhar a descrição densa (conceito trabalhado por Geertz, 1989) como ferramenta de pesquisa em Geografia Urbana, sobretudo quando se quis compreender o uso do espaço e uso do tempo pela aproximação com a etnografia. A estratégia de reprodução social do catador Ângelo, que está em situação de rua, foi que nos permitiu apresentar tais resultados de como é o cotidiano desse segmento social.

Palavras-chave: Espaço Urbano. Cotidiano. Centro de São Paulo. Reprodução Social. Catadores em Situação de Rua.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO 1 : A DESCRIÇÃO DO COTIDIANO DE UM CATADOR EM SITUAÇÃO DE RUA: SENHOR ÂNGELO TADEU.	22
CAPITULO 2 : A VIDA COTIDIANA A PARTIR DAS REFLEXÕES DE HENRI LEFEBVRE	37
O MÉTODO	41
CAPITULO 3 - A IMPORTÂNCIA DO CENTRO DE SÃO PAULO EM RELAÇÃO AO TRABALHO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.	44
-O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE E O PAPEL DO CENTRO	47
-A ESPECIFICIDADE DA PRÁTICA DE CATAÇÃO EM RELAÇÃO À DINÂMICA ATUAL DO CENTRO	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
BIBLIOGRAFIA	66

INTRODUÇÃO

O estudo sobre o cotidiano de catadores de materiais recicláveis em situação de rua no centro de São Paulo evidencia um aspecto da problemática urbana na atualidade, qual seja: a do cotidiano de uma parcela de trabalhadores que vivem nas ruas e das ruas do Centro de São Paulo¹, reproduzindo-se socialmente por meio do trabalho realizado em função dos materiais descartados passíveis a reciclagem, sendo que estes são propiciados pela dinâmica que aquele lugar tem na metrópole paulistana. Enquanto tal, o estudo se localiza no tempo e no espaço de maneira que é capaz de revelar características do momento histórico em que vivemos, onde pode ser considerado como o de consolidação da sociedade urbana e que transforma as cidades através da re-produção das relações sociais de produção e da reprodução da sociedade capitalista. Para Henri Lefebvre, ao longo da sua vasta obra, a sociedade urbana é composta por novos espaços e por novas representações espaciais, o que realiza e concretiza a vida cotidiana no mundo moderno, estabelecendo assim o que chamou de cotidianidade.

A vida cotidiana e a cotidianidade são fatos importantes para a história humana, e esta última como um aspecto essencial da sociedade urbana na perspectiva das reflexões de Lefebvre sobre a modernidade (1991). A sociedade urbana vem se estabelecendo a partir do momento em que o cotidiano altera as maneiras em que as sociedades são influenciadas pelo capitalismo incorporam e se relacionam com ditames dos usos do tempo e do espaço a partir da indústria, isto é, dos ritmos e locais da produção industrial, modificando significativamente as práticas sócio-espaciais, sejam aquelas ligadas à produção propriamente dita ou ligadas aos outros momentos da vida que não têm relação imediata com aquela, como o mercado turístico é um exemplo. Desta maneira o que se aponta é que o uso do tempo das pessoas foi transformado ao passo em que foi sendo mais concentrado para a atividade de trabalho e, consequentemente, para a produção, estabelecendo outras formas de perceber, conceber e vivenciar a vida por meio dos usos do espaço.

Assim, a vida cotidiana é transformada no capitalismo através do cotidiano, que é constituído por essas novas formas de orientar o uso do tempo para a reprodução social das

¹ Consideramos Centro de São Paulo aquela área que engloba tanto o centro antigo, no entorno do Pátio do Colégio, da Praça João Mendes, Largo de São Francisco, quanto o centro novo, que corresponde ao entorno da Praça da República, Parque da Luz e Praça Duque de Caxias. Também se considera centro de São Paulo aqui os bairros mais próximos a estes locais, como os bairros da Liberdade, Bela Vista, Consolação, Vila Buarque, Santa Cecília, Campos Elíseos, Santa Efigênia, Bom Retiro, Brás e Sé, pois fazem parte da centralidade que o centro exerce na metrópole.

pessoas para a realização do capital, isto é, submeter a maior parte da vida para a reprodução do capital através das relações sociais de produção, reduzindo ou mesmo aniquilando os momentos de fruição, de criação, de vida além do produtivo.

O cotidiano, assim constituído, permite que quase todos os momentos da vida das pessoas tenham como objetivo a reprodução do capital, o que corrobora para que a cotidianidade torne-se uma característica da sociedade urbana e da vida cotidiana que nela se desenvolve. A cotidianidade está diretamente relacionada com o modo de produção capitalista, tendo em vista que envolve vários aspectos que reorientam toda a sociedade para reprodução desse modo de produção, quer seja por meio da ação da esfera do Estado e das instituições, do conhecimento e do saber, das técnicas e das tecnologias etc., e que está muito envolto no ideário de modernidade.

Neste movimento, as mudanças também atingem as cidades pois as articulam tanto no âmbito do espaço produzido quanto no âmbito das representações espaciais, em escalas e em níveis diferentes, para a produção e reprodução do capital. Essas dinâmicas são realizadas na cidade e têm o espaço como condição, meio e produto (CARLOS, 2011), no sentido em que satisfaz os imperativos da reprodução do capital como também da cotidianidade, por ser um processo simultâneo, por meio da produção e da reprodução também do espaço.

Em sentido mais amplo em termos temporais ao longo da História, podemos dizer que esse momento ilumina a questão da produção social do espaço, como desenvolve Lefebvre (2008). O espaço como lócus da realização da vida e das práticas sócio-espaciais imprime e expressa os momentos históricos da sua produção, enquanto movimento constante da ação humana sob o planeta. A produção do espaço, portanto, comporta os sentidos em que a pessoa, o homem e a mulher, os grupos, as classes, as raças, as etnias etc., criam e recriam as suas formas de uso e de apropriação do espaço, sempre deixando seus registros marcados no tempo e no espaço.

Em torno da noção de produção do espaço é possível revelar na sociedade brasileira os movimentos que configuraram e configuram uma dada morfologia urbana e as ações e estratégias realizadas para chegar no atual estágio das cidades e das metrópoles do país. Esse momento localiza em nosso caso, com características históricas e geográficas próprias, o período de consolidação do urbano, da sociedade urbana e nos coloca, decisivamente, a necessidade de apontar para o espaço como sendo mais uma mercadoria, isto é, possuidor de valor de uso e possuidor de valor de troca, o que é uma relação conflitante e contraditória dadas as disputas que o envolve.

Em São Paulo, o processo de transformação do espaço em mercadoria é evidente em sua história. Ao longo da formação de sua morfologia urbana atual, a cidade passou por modificações significativas atreladas ao setor imobiliário. A formação de outras centralidades decorrentes dos loteamentos e das obras de estruturação urbana para realizar o capital imobiliário, remontam à história do desenvolvimento da cidade de São Paulo, principalmente após o século XIX. Esta estratégia que articula agentes e sujeitos em torno da produção e da reprodução do espaço revela os momentos do processo de industrialização-urbanização-metropolização (SEABRA, 2009) da cidade e aponta, sem dúvida, para o processo de produção capitalista do espaço (HARVEY, 2001) e da cidade como negócio (CARLOS, 2001). Isto é, evidencia-se o efetivo sentido de mercadoria que o espaço ganhou no período atual sob o discurso da modernidade e da modernização da cidade e da economia, articulando os interesses das classes dominantes internas e externas ao contexto brasileiro. Sem dúvida, isso acarretou também uma mudança da vida cotidiana da cidade, assim como dos usos do tempo e do espaço para a população.

Lefebvre (1977) analisa o processo de produção do espaço e as várias dinâmicas a ele relacionadas, identificando uma estratégia global apoiada em relações de dominação (nas quais o Estado desempenha um papel chave), que fragmentam, homogeneinizam e hierarquizam o espaço, num esforço para negar as suas contradições. Nesse sentido, podem-se identificar espaços que se destacam por concentrar atividades, recursos, capitais e poder de decisão, e por assim exercer influência e domínio sobre outros espaços, configurando centralidades. O crescimento de grandes cidades como São Paulo, caracteriza-se por um processo de explosão-implosão do urbano que dá lugar à formação de múltiplos centros ou centralidades.

No que se refere aos processos analisados em nosso estudo, o Centro de São Paulo exerce o papel de centralidade mais importante, além de ser a mais antiga da cidade e assinala para os momentos e os aspectos fundamentais para a constituição da metrópole e nos permite evidenciar as formas e os conteúdos que emergiram para a constituição da metrópole que hoje conhecemos, inclusive da vida cotidiana que a caracteriza. Ademais, o desenvolvimento do tecido urbano que hoje corresponde à metrópole de São Paulo se fez em relação com a influência do Centro desde os tempos de transição do império para a república.

A centralidade que o Centro tem agora é diferente da que teve antes. Atualmente, ali são concentrados principalmente comércios populares e especializados, setores da administração pública e uma gama de serviços que demandam pouca tecnologia – considerando-se os atuais imperativos informacionais e arquitetônicos -, além de poucas

residências - em comparação com outros bairros da cidade. Anteriormente, o Centro de São Paulo centralizava todo capital que percorria a cidade, do setor financeiro, comercial, cultural, industrial, sendo que hoje alguns destes foram concentrados, principalmente, nas centralidades que se formaram no entorno das Avenida Paulista e Avenidas Berrini-Faria Lima, a sudoeste do Centro, chegando até o distrito de Santo Amaro.

Ademais, o Centro foi também lugar de moradia de famílias e pessoas de classes e de nacionalidades diferentes, sendo que isto se fazia notório no suprimento das necessidades do cotidiano de cada uma delas: a do passeio público, a do frequentar os cafés e cinemas centrais, do ir e do vir do trabalho nas fábricas próximas, o de buscar água nos cursos dos rios e córregos das proximidades, o do encontro junto à comunidade que se identifica, como era o caso na igreja do Rosário dos Homens Pretos e as festividades com os aspectos da cultura da sua nacionalidade, entre outros acontecimentos similares.

As mudanças nas funções e dinâmicas urbanas do Centro acarretaram também transformações nas práticas sócio-espaciais que são hoje realizadas neste lugar. Em nosso caso em específico, chamamos a atenção para as atividades relacionadas ao comércio e aos serviços em escritórios que são geradores de uma quantidade significativa de lixo, ou melhor resíduos sólidos, principalmente os derivados de papel (celulose) e plásticos (petróleo). Essa quantidade significativa possibilita quando do seu descarte uma expressiva atividade de trabalho na catação e na coleta desse material passível de ser reinserido no processo produtivo (produção-distribuição-circulação-consumo) enquanto reciclados, tendo em vista que a indústria é cada vez mais envolvida dentro de práticas e atividades atreladas às causas ditas ambientais.

O trabalho de catação e da coleta² de materiais passíveis de reciclagem é uma presença notória na paisagem do centro. Esse fato é o que também possibilita evidenciar aspectos de uma prática sócio-espacial realizada no plano do lugar. Em relação à forma urbana, as ruas exercem importante papel na estrutura urbana e são reveladoras de dinâmicas econômicas, sociais, culturais que propiciam ver seu conteúdo indo além da função de circulação, de local de passagens, de fluidez do sistema viário. As funções urbanas que desempenham uma rua relacionam-se principalmente com as atividades que nelas acontecem, como são, por exemplo, as de caráter industrial, comercial, de serviços, de lazeres etc., o que

² Ao nos referirmos à catação, destacamos que se trata de uma prática exercida sem regulação, seja no âmbito trabalhista ou no âmbito da limpeza urbana, distinta de uma prática regulamentada, como é o caso da coleta seletiva.

traz consigo também quem são os segmentos e as pessoas que as usam e de que maneira as usam, isto é, de que maneira que se usa ou não o espaço.

Em nosso caso importa localizar na rua quais os tipos de materiais recicláveis encontrados e a partir daí observar a especificidade do trabalho de catadores/as em função das atividades e da dinâmica realizada ali, o que evidencia também as práticas sócio-espaciais que são exercidas. Por exemplo, uma rua do Centro de São Paulo como a 25 de março em que o comércio é muito mais expressivo do que os serviços, os descartes que são relacionados com o papelão, papeis diversos e plásticos são os mais significativos, pois são ligados às atividades majoritárias realizadas naquele local, ou seja, a comercialização de utensílios populares em geral (roupas, brinquedos, bijuterias, tecidos etc.), sobretudo na embalagem dos mesmos. Este fato é o que permite que ali se concentrem vários/as catadores/as ao longo dia, em horário comercial, realizando o trabalho de catar, separar os materiais dispensados pelos lojistas e depois vendê-los, em locais como ferros-velhos, depósitos e aparatistas, que se distribuem próximos ao Centro, principalmente nas áreas menos valorizadas, em termos de mercado imobiliário, como a baixada do Glicério, parque Dom Pedro, Brás, Pari, Bom Retiro, Santa Ifigênia, Campos Elíseos e Luz.

Assim, a distribuição da atividade de catar e coletar materiais recicláveis no Centro se apresenta de forma diversa e deve ser considerada a partir da especialidade que cada rua tem em relação às atividades que nelas são realizadas e em função também da estrutura urbana da cidade, como dito acima. Entretanto, a diversidade se relaciona não somente ao tipo de resíduo que cada atividade gera, mas também à quem realiza o trabalho de catar e coletar estes materiais, às estratégias encontradas pelos/as catadores/as para a realização dessa atividade nas ruas, assim como a quais maneiras encontradas para realizar o trabalho após o recolhimento do material, ou seja, onde ele pode triar o material e depois vendê-lo.

É importante salientar que muitos dos catadores de material reciclável são oriundos de outros tipos de trabalho e setores da economia, sendo que em muitos casos na ocasião do desemprego a catação se apresentou como uma alternativa para a sobrevivência. Esse fato é mais comum ainda entre os mais velhos, sobretudo aqueles que começaram a exercer essa atividade nos finais dos anos de 1970 e 1980. Esse marco temporal é significativo, pois não só aponta para um momento de reestruturação produtiva e de mudanças na economia mundial, como também de dinâmicas internas de migração para São Paulo (SEABRA, 2004; BURGOS, 2008). Isto não quer dizer que em outros momentos anteriores não havia catação, mas que esta atividade se intensificou justamente neste período.

Há diferenças que não podem deixar de ser apontadas no caso do segmento dos catadores e de suas práticas sócio-espaciais. O trabalho de catar e coletar são aspectos que revelam a dinâmica local de cada rua ou bairro, mas também as estratégias de reprodução social desses sujeitos no cotidiano. Queremos apontar com esta afirmação que o catador que trabalha e vive em um bairro mais pobre e afastado do Centro tem uma rotina e um ritmo de trabalho diferente daquele que trabalha e vive em situação de rua no Centro da metrópole. Com isso, queremos evidenciar que o cotidiano de pessoas em situação de rua e que trabalham com a catação de materiais recicláveis para reproduzir-se socialmente é bem diferente do cotidiano daqueles que vivem em casas - mesmo que estes possuam situação de acesso ao dinheiro tão precária quanto os que moram na rua e pratiquem a catação ou coleta, seja nos bairros da periferia, ou mesmo nas ruas do Centro de São Paulo.

Em nosso estudo, privilegiamos o plano do lugar pois é nele que os catadores em situação de rua realizam a vida cotidiana. O estudo do cotidiano desses catadores contribui para revelar o movimento por meio do qual o capitalismo transformou a sociedade sob o imperativo industrial em sociedade urbana, com novas representações e sob a máxima da reprodução das relações sociais de produção. É no plano do lugar também que se revelam os sentidos da apropriação do espaço no mundo atual, revelando assim o cotidiano e a cotidianidade em seus aspectos contraditórios, contendo tanto a miséria e a pobreza de uma vida dominada pelos imperativos do capitalismo, estruturado em sistemas de opressões multifacetadas, como também sua riqueza, apontando para os momentos de resistência à vida de total submissão ao modo de produção capitalista e para os sujeitos irredutíveis.

Alguns Apontamentos Sobre o Trabalho de Campo e a Trajetória de Pesquisa.

O trabalho de campo foi um desafio constante nesta pesquisa, pois abancar os aspectos da cidade que permitem a compreensão do fenômeno urbano a partir da reprodução social de catadores em geral e em situação de rua em particular, nos colocava a refletir as estratégias e os encaminhamentos da pesquisa. O conhecimento empírico da vida cotidiana do Centro da cidade de São Paulo se fez como fundamental para traçarmos as estratégias possíveis para desenvolvimento do estudo proposto.

As saídas de campo no âmbito desta pesquisa não foram em nada simples, pelo contrário. Ao nos deparamos com uma realidade de extrema pobreza deste segmento de trabalhadores no Centro de uma das maiores e mais ricas cidades do mundo é algo que causa, por um lado, um certo expanto e inquietações e, por outro, uma certa atenção sobre o movimento de continuidades e descontinuidades do processo histórico da formação da cidade e das relações sócio-espaciais, mesmo sabendo do nível de desigualdade social que o formara e caracteriza. Um modo de viver e vivenciar a cidade que está ali posta e exposta na paisagem urbana para que qualquer pessoa possa enxergar.

Na paisagem urbana olhamos e observamos nas cidades em que visitamos a arquitetura dos antigos prédios e casebres que marca uma época já passada e registra também a memória daquele lugar, além dos prédios e estabelecimentos mais novos, mas ao mesmo tempo que não vemos ou fingimos não ver nas calçadas e ruas as pessoas que se amontoam e se espalham pela cidade em busca da companhia de outros em igual situação e de algum abrigo que lhes permitam um pouco de segurança e refúgio à noite. Pessoas que carregam uma trajetória de vida marcada por histórias que se misturam e se confundem com a história da cidade, do país e com a história do mundo dito como moderno, tendo em vista que isso é cada vez mais comum de se ver nos noticiários³. Trajetórias que são em si reveladoras do *modus operandi* do modo de produção capitalista, onde o processo de industrialização-urbanização, enquanto um produto expressivo do seu momento de maior aceleração, revela a sua violência e sentido.

Com trajetórias marcadas por motivos variados, como a perda dos laços familiares, a saída do encarceramento do sistema prisional, a necessidade de migrar, entre outras tantas que muitas vezes se confundem, não é de se surpreender que a minha aproximação desses sujeitos não se fez de forma fácil, muito pelo contrário. As saídas de campo na busca de encontrar uma maneira de aproximação menos "interesseira" possível, mesmo sendo interessada, sempre foi um princípio, pois, tratam-se de pessoas e não somente de um objeto parado na cidade a ser decifrado. Não se buscou a "aplicação" da teoria que nos guiava, mas ser o mais sensível possível ao movimento da cidade a partir daquelas pessoas sem desconsiderar o lado humano também de quem tentava compreender aquele processo, porém com a objetividade que uma pesquisa científica requer.

³ <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2016/01/numero-de-moradores-de-rua-quase-dobrou-na-ultima-decada-em-ny.html>

Desta forma, as estratégias de saída ao campo foram construídas ao passo que a própria pesquisa ia se encaminhando e de acordo com as dificuldades e a diversidade do universo do que é viver da atividade de catar os restos de uma sociedade do consumo dirigido no âmbito de uma metrópole como São Paulo. Um universo formado por: catadores de cooperativas e de associações, os que mantêm uma certa organização, que em muitas das vezes carregavam uma repulsa à pesquisa universitária muito marcada nas conversas; catadores avulsos que não negavam a conversa, mas que não se dispunham a prolongar o contato para a pesquisa por terem certo receio de quem se aproxima, justamente pela exposição de sua vida e pela violência que suportam no dia-a-dia dos agentes da segurança pública ou privada (coisas estas que se repetem e agravam junto à maioria dos catadores em situação de rua que não permitiam maior aproximação de "pessoas estranhas", que não fazem parte do seu convívio diário, como são as assistentes sociais e pessoas com quem de certa maneira mantêm relação ou que lhes atribuem um certo cuidado). Diante dessas pessoas, muitas foram as situações presenciadas nas quais pensar a minha própria integridade física era algo a ser contabilizado na estratégia. Pensar o local e o horário a serem visitados, o que correspondia a decidir sobre ir sozinho ou acompanhado, seja de pessoa próxima a mim ou de alguém que já possuía uma inserção no trato com esse universo de catadores e de pessoas em situação de rua, foi uma necessidade constante.

Como acima apontado, os locais observados, os estabelecimentos visitados, as pessoas encontradas sempre colocavam mais questões para a pesquisa e mais desafios aos trabalhos de campo, pois cada rua, cada "sub-centro" usando a expressão do Legaspe (1996), mostrava a diversidade de situações e dinâmicas que a atividade exercida pelos catadores tinha de acordo com o local de catação e com o horário a qual ela era realizada; desde as disputas pelo espaço e por permanecer no mesmo local até as relações com os transeuntes, com o policiamento e com os lojistas podiam ser notadas, como também poderá ser visto mais à frente na descrição do trabalho de campo.

Observar os horários em que os catadores se detinham mais à catação permitiu descobrir os ritmos, as dinâmicas e o cotidiano do Centro de São Paulo e como estes aspectos definem o cotidiano desses trabalhadores urbanos, como denomina Burgos (2008) para apontar a especificidade destes no contexto da sociedade urbana. Até mesmo conhecer o que cada lugar tem de diferente do outro em relação a atividade de catação, pois, não é demais repetir que é a função urbana de um lugar na cidade que dá a possibilidade de uma parcela de pessoas viverem dos descartes produzidos ali. Essa constatação foi essencial para a

consolidação das estratégias de saídas de campo por nós escolhidas para este trabalho de graduação individual.

O percurso da pesquisa se inicia tendo como foco a reflexão sobre a apropriação do espaço por esse segmento de trabalhadores no Centro de São Paulo e a sua relação com a indústria de reciclagem. Esse foi o caminho percorrido pelo estudo no âmbito da iniciação científica, nos anos de 2013-2014. Entretanto, as dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa que se relacionavam, ora com as teorias estudadas, ora com a literatura específica do tema da reciclagem, dos catadores e das pessoas em situação de rua, ora com o trabalho de campo - principalmente devido ao esforço para reconhecer a relação desses trabalhadores com a cidade de forma romantizada e fatalista, foram exigindo novos caminhos, novas abordagens para a compreensão desse aspecto da realidade urbana. Desta maneira, a descoberta do cotidiano e da vida cotidiana no mundo moderno abriu uma nova direção, mas sem nos distanciarmos do caminho já realizado e cursado dentro da corrente marxista-lefebvriana. Daí chegamos à seguinte indagação: como que a compreensão do cotidiano de uma pessoa em situação de rua que vive da catação poderia nos ajudar a enfrentar o desafio do trabalho de campo a partir de uma abordagem etnográfica?

Desta forma, o caminho traçado em busca do cotidiano foi colocado, tanto em termos espaciais quanto sociais. Trazê-lo para o centro da pesquisa deslocando a importância anteriormente atribuída para o conceito de apropriação do espaço pareceu permitir uma maneira melhor de lidar com a realidade pesquisada e como trabalho de campo. Assim é preciso mostrar que, do ponto de vista teórico-metodológico, esta mudança de direção da pesquisa adveio das leituras feitas, como já se pode inferir, a partir do trabalho de Henri Lefebvre sobre a vida cotidiana no mundo moderno, que nos deram base para compreender que por meio do cotidiano as contradições da sociedade capitalistas estão colocadas e são passíveis de serem reconhecidas e explicadas em seus diferentes níveis, escalas e dimensões da análise, tendo no plano do lugar e na escala da cidade maneiras privilegiadas para compreender esse aspecto da sociedade urbana que envolve toda a dimensão sócio-espacial da reciclagem. Do ponto de vista prático, o trabalho organizado por Robert Cabanes e Vera Telles (2011) assim como o de Clifford Geertz (1989) nos permitiram incorporar à pesquisa bases do estudo etnográfico para a realização do trabalho de campo. Isso nos auxiliou a revelar justamente o que propôs Henri Lefebvre no âmbito da descrição e que aparecera mais à frente no decorrer da exposição, quando tratarmos do método regressivo-progressivo.

O Centro de São Paulo exerce a função de ser uma centralidade na metrópole paulista, como já foi apontado, o que é algo incontestável na literatura especializada. Compreender a influência da cotidianidade no dia-a-dia do trabalho de catação e localizar o lugar e as pessoas que nos permitissem um contato mais aproximado na esfera da pesquisa era o novo desafio: onde nesta centralidade que se diversifica de acordo com as características das atividades realizadas no lugar e quem poderiam ser estas pessoas em situação de rua que se disporiam a contribuir conosco, obviamente cientes do que estava sendo feito?

No âmbito do trabalho de extensão universitária realizado entre os anos de 2012 e 2014 e coordenado pela Professora Marta, que teve como intuito fazer um filme documentário sobre os impactos da Política Nacional de Resíduos Sólidos, naquele momento recentemente aprovada, algumas pessoas foram por nós entrevistadas, desde catadores em situação de rua até mesmo representantes públicos, como o ex-vereador Nabil Bunduki e o secretário da AMLURB (Autoridade Municipal de Limpeza Urbana), sendo que alguns daqueles catadores se colocaram como possibilidades para futuras conversas, pois já se mostraram, naquele momento, abertos a conceder entrevistas. Contudo, tivemos contra nós a dinâmica de quem vive na e da rua impõe uma constante mudança de "moradia", de rotas, trajetos - a não ser que já se tenha estabelecido um lugar fixo na configuração tão mutável da paisagem, como é o caso do Senhor Ângelo Tadeu na Rua Barão de Itapetininga, na altura do número 140, como veremos detalhadamente mais à frente.

Desta forma, o trabalho de campo se consolidou como o momento de extrema importância para a realização desta pesquisa, não somente no momento de organizá-la, da elaboração e realização de uma entrevista semi-estrutura, mas por possibilitar a articulação da teoria com a realidade posta, com os dados e impressões colocadas ali *in loco*, onde em muitas das vezes nossas inferências do que seria encontrado ficavam muito aquém daquilo que se observava, e, consequentemente, obrigava-nos a novas investigações. A teoria se colocava como algo marcado no tempo e no espaço da sua concepção, como a mesma já concebia.

CAPITULO 1 : A DESCRIÇÃO DO COTIDIANO DE UM CATADOR EM SITUAÇÃO DE RUAS: SENHOR ÂNGELO TADEU⁴.

É por volta das 8h45 que chego ao centro e vou ao encontro do Senhor Ângelo na Rua Barão de Itapetininga, na altura do número 140, no ponto em que ele trabalha durante o dia, mas o mesmo não se encontra ali, que é seu ponto fixo a mais de vinte anos. Caminho até a loja de bolsas onde um senhor, que parece ser o proprietário, me informa que se ele ainda não em seu posto é porque foi vender os materiais catados em algum ferro-velho nas proximidades do centro. Continuo andando na galeria em que fica a loja de bolas até sair na rua 24 de maio, onde o Senhor Ângelo costuma dormir há alguns anos, sem que o mesmo saiba precisar exatamente quantos os são. Não o vejo no local em que dorme toda a noite. Pergunto para outros moradores em situação de rua sobre o paradeiro do Sr. Ângelo e me dizem que ele tinha saído mais cedo do que o costume em direção à Avenida Ipiranga. Sigo até o final da Rua em direção à Praça da República para retornar ao início da Rua Barão, no sentido daquela Praça para a Praça Ramos de Azevedo, onde finalmente o encontro, quando encostava a carroça após a ida ao ferro-velho para vender os materiais catados nos dias anteriores. Ele pede para eu esperar enquanto vai ao metrô; mais tarde descubro que foi para usar o banheiro público da estação República.

No intervalo enquanto ele se encaminha ao banheiro, eu o espero junto à carroça brincando com a cachorra Laika, a mais nova das três e a mais mansa. Princesa é a segunda e Pretinha a mais velha e a mais brava delas, sendo comum que esta avance nos transeuntes que passam muito próximo do veículo, o que gera confusões e conflitos para o Sr. Ângelo em seu dia-a-dia. São elas o que ele define como sendo sua família, assim como os inúmeros outros cães que já teve e, sempre marcando a sua última perda, o cão Muito-Loko, que veremos mais sobre ele adiante.

⁴ A descrição que expomos aqui se refere ao trabalho de campo realizado no dia 06/10/2016. Entretanto, como foram vários campos realizados antes e depois desse dia, há informações que foram complementadas com base nessas outras conversas.



Foto 1: Carroça e as cachorras Pretinha e Princesa junto ao poste com anúncios de empregos. Autor: Renato Ribeiro (06/10/2016).

Ali observo que algumas lojas estavam começando o expediente enquanto outras já estavam funcionando. No início da Rua Barão de Itapetininga há muitos ambulantes que vendem artesanatos, que podemos chamá-los de temáticos, pois são majoritariamente, ligados a cultura e a estética da África negra e da Bolívia andina e vendidos por imigrantes oriundos destes lugares e países. Outros ambulantes vendem café, leite, pães e bolos, e outros, frutas como melancia e abacaxi; alimentos de consumo imediato após a compra, que em geral as pessoas comem como café-da-manhã em substituição à refeição que muitos tomam em suas casas, isto talvez pela pressa de sair de casa e não perder o transporte público das periferias de São Paulo e da Região Metropolitana em direção ao Centro da metrópole.

Há também ali na rua muitas pessoas à procura de emprego e muito atentas aos postes de luz elétrica- com características que remetem a outro período da cidade -, pois são neles fixados anúncios de trabalho oferecidos por uma diversidade de agências de emprego que ali se localizam. A Rua Barão de Itapetininga é popularmente conhecida por concentrar muitas dessas agências, assim como outra rua nos arredores, a Rua Sete de Abril. Alguns senhores de mais idade trabalham nessas ruas para essas agências no recebimento do Currículos Vitae (C.V.) de desempregados/as, quandoeles se interessam por uma das vagas

anunciadas, seja nos postes, no mostruário ou mesmo nas roupas-placas deste senhores. Complementarmente, eles vendem um guia de endereço de agências de emprego por conta própria, conforme senhor que realiza este trabalho de coleta para as agências nos informou. Adiciona ele que, com esse trabalho e com a venda dos guias de agências da grande São Paulo que alcançam informações de agências até Jundiaí, pode completar a sua aposentadoria, mas destaca que há aqueles que não precisam do dinheiro mas fazem o trabalho para não ficarem em casa o dia todo.

Chamou-me atenção que um rapaz negro segurava um cartaz feito a mão em cartolina pedindo emprego afirmando ser técnico em pintura. Uma mulher jovem conversa com ele dizendo que tinha um trabalho para ele, como pude ouvir pela proximidade da conversa. Contudo, minutos depois o mesmo estava novamente transitando na rua com o seu anúncio. Outras senhoras angariavam pessoas para responderem pesquisas de mercado em troca de uma caixa de bombons de chocolate, como anunciavam e como uma delas me abordo. Aliás, foi uma dessas senhoras que avisara ao rapaz do cartaz que era melhor para ele ficar sem os óculos escuros para "as pessoas verem os seus olhos", pois seria mais fácil de alguém simpatizar com o mesmo.

Isso tudo ocorreu em um raio de menos de dez metros da carroça e em menos de dez minutos, o tempo de ausência do senhor Ângelo. Quando ele retornou, então caminhamos até o seu ponto naquela rua, na altura do número 140, aonde foi cumprimentando várias pessoas, principalmente ambulantes e o dono da banca de jornal.

Em um outro dia que o acompanhei neste mesmo trajeto, a cachorra Princesa estava caminhando junto à carroça quanto atacou a caixa de papelão que servia a uma senhora como depósito para as pessoas desempregadas depositarem seus C.V., o que gerou uma pequena confusão, mas que foi contornada rapidamente pelo Sr Ângelo, que logo recolheu o material que ficou esparramado no chão e disponibilizou uma outra caixa de papelão para ser novo recipiente.

O local em que estaciona a carroça é em frente a uma farmácia da rede Onofre, ao lado de uma pequena árvore que sombreia o entorno, uma das poucas daquela rua e das proximidades. Ao lado direito da farmácia se tem a entrada daquela galeria que liga a Rua Barão de Itapetininga à Rua 24 de Maio, uma loja de roupas customizadas que envolve a temática Reggae e entradas de prédios que comportam escritórios comerciais, principalmente aqueles de empresas prestadoras de serviços: agências de empregos, escolas preparatórias para concursos públicos, reparos de relógios onde se negociam ouro e prata, serviços

especializados de colecionadores de brinquedos, selos e papel-moeda, sebos, escritórios de advocacia, etc. No outro lado da rua há uma agência bancária da rede Itaú-Unibanco, uma loja da rede Kalunga, que vende utensílios para escritórios - informática, papelaria, etc. - e mais prédios com características similares dos já descritos acima. Há também lojas de calçados, como a rede World Tênis, Pregos e Zapatas.



Foto 2: Local de trabalho do Sr. Ângelo na Rua Barão de Itapetininga. Autor: Renato Ribeiro (06/10/2016)

Em menos de cinco minutos que ficamos parados, um senhor mais velho, cujo nome não sabemos e acompanhado de uma mulher mais nova, que aparentemente é cônjuge, começa a conversar com o senhor Ângelo a respeito de um outro rapaz em situação de rua que deixou a carroça na Rua 24 de Maio. Essa carroça é do Sr. que nos aborda. Eles falavam sobre o porquê aquele a deixou encostada e não quis fazer o serviço combinado, que era o de retirar o entulho de uma loja em reforma que ficava ali próximo. O Sr. mais velho dizia que vai ter que retirar a carroça do rapaz, enquanto o Senhor Ângelo somente a cena positivamente com a cabeça. O senhor ainda comenta que vendeu uma das suas carroças para um outro senhor que trabalha em uma das galerias da Rua 24 de Maio⁵ como segurança privado da mesma, mas sem especificá-la. Ele vai embora dizendo que vai recuperar a carroça do rapaz.

⁵A Rua 24 de Maio têm duas famosas galerias que tem um intenso movimento ao longo do dia, sendo para compras ou mesmo para encontros de *tribos urbanos*. A galeria mais famosa dentre elas é a conhecida como a do Rock, pois boa parte das lojas envolvem tal temática, sendo ponto de encontro de punks, hardcores, Skins etc. Também é uma galeria que se destaca na paisagem por sua arquitetura moderna, que possibilita um visão ampla do largo da Paysandu até o pico do Jaraguá quanto vista do acesso pela Avenida São João. A galeria 24 de Maio é menos famosa, mas que para lá convergem pessoas em torno do Reegae, do movimento hip-hop, com suas lojas especializadas na temática, como também torcedores organizados - a torcida Independente do São Paulo

Em seguida pergunto para o Senhor Ângelo quem era o homem e o que tinha acontecido. O senhor, que não cita o nome, é dono de duas carroças destas de catar materiais recicláveis e deixa uma delas com um "morador de rua" que dorme também na Rua 24 de Maio. Esse morador é alcoólatra e bebe demais todos os dias, afirma ele. O dono das carroças fornece "pinga" para este rapaz constantemente em troca da vigia e do cuidado com as carroças que fica na rua e, vez ou outra, na realização de alguns trabalhos, como alguma mudança ou retirada de entulhos em lojas dos arredores. Segundo o Sr. Ângelo é o dono da carroça que negocia esses trabalhos, que são pagos em dinheiro, sendo a quantia dividida entre os dois. O senhor tem dificuldades para andar, pois tem deficiência na perna direita e mora na favela do Moinho⁶, além de ser também aposentado. Ao questioná-lo sobre, ele comenta que vê isso como "olho grande" e tem que "se dar mal mesmo", pois sabe que o seu companheiro de rua não pode mais beber e aquele fica alimentando o vício. Não entrou em detalhes sobre o porquê de o morador não poder beber.

Sobre a prática do trabalho de retirada de entulhos em lojas ou escritórios, Sr Ângelo diz que é uma prática recorrente, sendo que é comum um carroceiro seja chamado para realizar tal serviço. Quanto o trabalho é mais penoso este convida outro carroceiro para ajudá-lo, onde a prática costumeira é se dividir a quantia recebida como pagamento. Em casos em que há materiais passíveis a reciclagem, o material pertence a quem fez a negociação, cabendo a este estabelecer quanto repassará ao seu carroceiro-ajudante.

Muitas pessoas passam por nós a caminho dos seus afazeres cotidianos, principalmente para seus trabalhos nos diversos escritórios, como se pode deduzir pela vestimenta; homens e mulheres de roupas sociais mais simples. As cachorras do senhor Ângelo sempre chamam atenção e muitos transeuntes param para acariciá-las; ao menos Laika, que fica no chão presa por corrente à carroça, é a única que permite receber tais carícias; a Pretinha e a Princesa são mais ariscas e também ficam presas em correntes encurtadas em cima da carroça para não avançarem nas pessoas. Alguns já o conhecem e o perguntam se elas precisam de ração, ao que, muitas das vezes, ele responde ter o suficiente, tendo em vista que há um senhor que o visita todos os sábados há algum tempo, e que desde

Futebol Clube - e salões de cabeleireiras de origem africana. É um local de reunião e encontro dos imigrantes negras e negros de África e Caribe, como, por exemplo, os vindos do Haiti ou Camarões, Congo, Angola, etc

⁶ A Favela do Moinho se localiza no bairro do Bom Retiro ao lado da linha férrea e ao final da Avenida Rio Branco. O terreno hoje ocupado por dezenas de famílias era o antigo moinho central, pertencente ao empresa Moinho Fluminense S/A, que tinha sedes no Rio de Janeiro e em São Paulo. As instalacoes tiram forte exercicio produtivo no segundo quartel do seculo XX, sendo cessada as atividades em meados da década de 1970. A ocupação do terreno foi realizada na década de 1990.

então lhe dá um saco de 25 kg e mais cinquenta reais. Outros perguntam se ele está doando as cadelas e ele responde sempre com brincadeiras: "Só se levar os quatro para casa!".

Ao avistar um homem de meia idade caminhando pela rua com uma cachorra presa por uma corrente, o senhor Ângelo diz que não comprehende o porquê existem tantas pessoas que maltratam os animais. O homem com muitos anéis, brincos e colares de prata e dourados é uma figura conhecida entre os frequentadores do Centro e dono de uma loja que vende e compra ouro e prata, afirma o Senhor Ângelo. O animal também têm muitos colares dourados. Ele passa por nós e nos cumprimenta. O catador me conta que sempre dava um pouco de ração de cachorro para aquele homem alimentar seu animal, pois recebe muitas doações e é possível que faça isso. Contudo, houve um episódio que uma das cachorras do dono da loja havia sumido - e que até aquele momento não havia sido encontrada - e que ele acusara o senhor Ângelo de tê-la roubado, confundindo a cachorra Pretinha com a dele. Isso o deixou com raiva e parou de dar ração para o dono da loja, nem mesmo aceitando vendê-la. É comum que em alguns momentos ele receba muitos pacotes de ração e as venda para conseguir um dinheiro a mais para saciar algumas de suas necessidades diárias, principalmente alimentação.

Mais próximo ao meio-dia, uma senhora se aproxima da carroça com uma sacola nas mãos. Ângelo já aponta e diz para mim que "vem chegando o almoço das meninas!", como é a forma mais comum dele tratar suas cachorras. A senhora pergunta como elas estão e entrega a sacola com duas latas de alimento canino da marca Pedigree; uma das mais caras deste ramo. Ele logo serve as três cadelas e mantém a conversa com a senhora sobre as cachorras e o que elas andam fazendo. Eu pergunto o porquê ela faz isso e me responde dizendo que gosta dos animais e que ajuda em uma ONG que protege os animais, chamada ABEAC. A senhora aparenta ter uma condição de vida abastada, tendo em vista suas roupas, colares e a fisionomia de quem já passara por cirurgias plásticas faciais.

Por volta de 12h45 a movimentação de pessoas já é mais intensa, pois é horário de almoço de boa parte dos escritórios, e seu Ângelo me pergunta se quero almoçar. Respondo que estou acompanhando e iremos quando ele quiser ir. Fomos até o restaurante dentro de uma galeria onde ele sempre almoça, mas estava muito cheio. Ele diz para voltarmos depois quando estivesse mais vazio, sendo que ele almoça sempre mais tarde exatamente por causa da lotação.

Na rua ainda está acontecendo uma "pregação evangélica" de um grupo de três pessoas (um senhor, uma senhora e um rapaz que parecem ser pai, mãe e filho), que começou por volta das 10h30. O grupo exaltam sua fé fervorosamente em direção as pessoas

que passam na rua; neste horário a rua está muito movimentada por ser horário de almoço, como já foi mencionado, além de ser horário de saída de faculdades particulares e escolas de capacitação que ficam próximas, com são a UNIESP e o SENAC, por exemplo. Mais próximo ao cruzamento da Rua Barão de Itapetininga com a Rua Dom José Gaspar, ao lado da banca de jornal, um artista de rua toca músicas do estilo rock and roll dos anos 1960 e 1970 em troca de alguma contribuição dos transeuntes, prática que tem sido comum no centro de São Paulo. Os evangélicos não gostam da música e começam a direcionar o discurso, afirmando que "não são dignos ao reino dos céus" os que apreciam o concerto musical, entre outras coisas que direcionam às mulheres em geral e as divorciadas em particular, a comunidade LGBT, sempre chegando próximo as pessoas que circulam. Em um certo momento, ao perceber que falávamos, eu e o catador, sobre os evangélicos, aparece um senhor que se aproxima de nós e diz que eles são do Jaçanã e que eles vêm ao centro e retornam para suas casas a pé todos os dias, sendo que ele passa pelo trio por volta das 7h30, quando está a caminho do trabalho no centro.

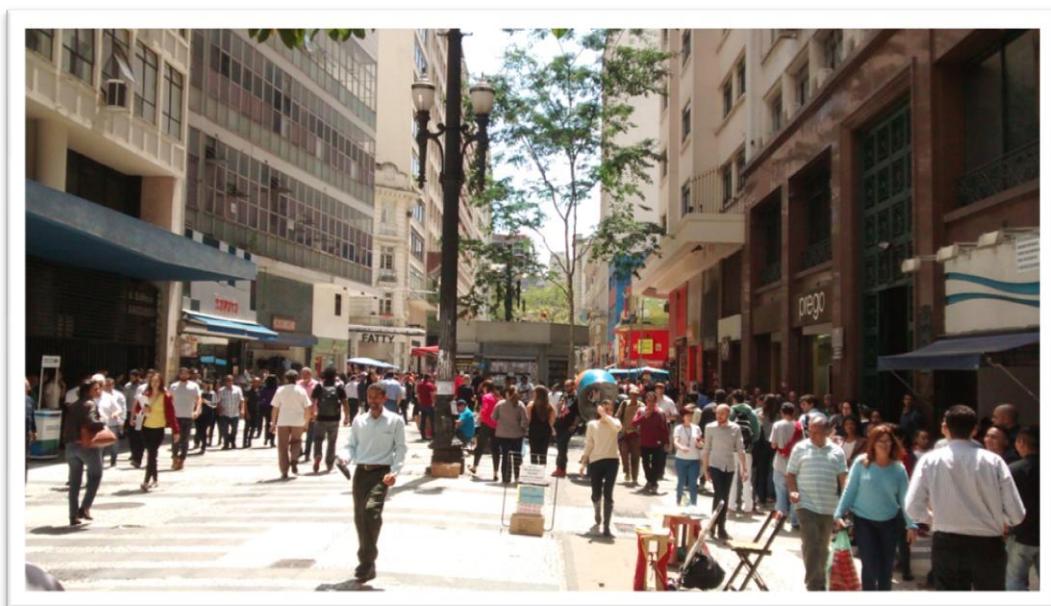


Foto 3: Horário de almoço na Rua Barão. Ao centro um evangélico. Autor: Renato Ribeiro (06/10/2016)

Quando pergunto o que o senhor Ângelo vê naquilo, ele afirma ser "uma falta de respeito com a gente que passa porque eles as ofendem, principalmente as mulheres". Ele relata que é comum ter reações de alguns transeuntes que se sentindo ofendidos retrucam com gestos, xingamentos e até mesmo agressões. Por vezes, continua ele, os próprios ambulantes, sejam de DVDs e CDs piratas, sejam os senhores aposentados que fazem "bicos" para

agências de emprego –com quem seu Ângelo disputa a sombra da pequena árvore - são os que entram em conflito com o grupo de evangélicos. Com ele mesmo ainda não houve nenhuma confusão.

Ali na rua ficamos parados sem muita coisa acontecer em relação ao trabalho de catação na parte da manhã, com exceção de somente uma loja depositar uma caixa de papelão do lado de fora do estabelecimento, sendo que esta logo foi pega e posta na carroça pelo senhor Ângelo. Durante todo este período ficamos conversando sobre as coisas que acontecem na rua e nossas impressões e as situações acima expostas. Ele afirmou que na rua se diverte muito e que todo dia coisas novas acontecem em relação a situações com os transeuntes, com a perseguição aos ambulantes, aos evangélicos e a ele mesmo, principalmente relacionadas às cachorras.

As cadelas ficam o tempo todo presas na carroça por uma corrente simples de prender animais. Cada cedula tem uma corrente com espessuras distintas. A corrente da Laika é a mais fina, a da Princesa uma intermediária entre esta e aquela da Pretinha, sendo que elas são encurtadas de acordo com o número de voltas que ele dá em uma das barras de sustentação da carroça. Ele me diz que é assim porque a Pretinha às vezes morde os pedestres que passam muito perto do veículo, o que ocasiona problemas, por vezes terminando até na delegacia. Percebe que as pessoas que andam mais distraídas passam muito perto da carroça e é quando as cachorras tentam pegá-las, mas são impedidas pela corrente.

O senhor Ângelo é conhecido por ter tido uma matilha, sendo ainda referenciado tal aspecto no trabalho de Doutoramento de Rosalina Burgos (2008), mas aos poucos o coletivo foi reduzido a três cadelas. Alguns animais foram doados e outros morreram. O último cachorro dele que morreu, em meados de junho deste ano (2016), foi o Muito-Loko, que tinha porte de médio para grande, diferente das cadelas que têm porte pequeno e médio. Ele afirma que o cão foi na verdade abatido em um abrigo da prefeitura que fica no bairro do Brás, também na região central da cidade, quando foi pernoitar em outro albergue no bairro da Luz, também no centro. Na ocasião se registrou um dos frios mais intensos dos últimos anos na cidade, levando a óbito cerca de 25 pessoas em situação de rua⁷.

A maioria dos albergues não recebem as pessoas em situação de rua que têm animais ou mesmo carroça, sendo esse abrigo do Brás o responsável por receber os animais e veículos. Ele me diz que na mesma época em que deixou a matilha de cães nesse abrigo, deixou a

⁷<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/mais-de-100-moradores-de-rua-morreram-desde-marco-em-sp-diz-iml.html>

carroça, e que além de ter perdido alguém da família ali, foi roubada uma das rodas de seu instrumento de trabalho.

Por volta das 13h00 que fomos almoçar, tendo a movimentação da galeria diminuído um pouco. O restaurante era bem simples e de preços modestos, sendo o preço do PF (prato feito) mais caro 12 reais. Há as opções mais tradicionais - que são acompanhados de arroz, feijão, purê de batatas e farofa - de restaurantes desse tipo, como picadinho de carne com legumes, calabresa com cebola, fígado acebolado, frango frito ou ao molho; bifes de frango ou carne vermelha à milanesa ou à role também são opções, assim como o prato do dia, na ocasião de quintas-feiras, o macarrão com frango ao molho. Senhor Ângelo afirma que eles servem a melhor feijoada do centro. Sempre almoça neste restaurante porque afirma ser "o mais bem servido" (quando o prato vem mais cheio de comida) e vir com o acompanhamento de uma salada simples de alface picada com cebola e tomate. O tempero fica agusto, estando disponível óleo, vinagre e sal em todas as mesas. Um molho de pimentas também reforça as opções de tempero.

O tempo de atendimento desse restaurante impressiona. O atendimento é muito rápido em todas as mesas, sendo que ao sentar-se já lhe servem a salada. Em seguida, vem a bebida, que é solicitada à parte e não está incluída no preço da refeição. Em menos de cinco minutos, já estávamos com os pratos solicitados na mesa: um bife à milanesa (para mim) e um frango ao molho (para ele) servidos cada um em um prato com arroz, feijão, purê e farofa. Apesar de ele dizer que sempre almoça ali, não demonstra muita proximidade com as atendentes, a não ser quando uma delas dirige a palavra para ele questionando se "o carroceiro quer o café-do-almoço" e em seguida o serve. Ao término da refeição se serve o café e já se retiram os pratos, limpa-se a mesa para que outras pessoas possam fazer sua refeição. É tudo muito rápido e fica a noção por parte de todos os frequentadores que, ao terminar a comida, logo se sai, não podendo ficar ali conversando e impedindo que outra pessoas se sentem. Diferentemente dos outros momentos até aqui, não conversamos muito enquanto almoçávamos. O senhor Ângelo queria pagar a conta, mas insisti que eu assim fizesse, pois pela manhã, quando o encontrei, uma senhora ambulante que vende café na rua nos parou e o ofereceu a bebida, sendo que ele comprou para os dois. Assim, ele aceitou e agradeceu.

Saindo da galeria onde se localiza o restaurante, ainda era possível ouvir o sermão do grupo de evangélicos. Neste horário, já por volta das 14h00, a Rua Barão de Itapetininga continuava com o movimento intenso. Percebia-se, além das pessoas que retornavam para seus postos de trabalhos após o almoço, alguns grupos de cerca de 30 a 40 pessoas

uniformizadas - crianças e adolescentes principalmente -andando pelas ruas, acompanhadas por pessoas mais velhas, o que se caracterizava uma excursão escolar por aquela região, e algumas pessoas fazendo compras. Os senhores que trabalham para as agências de empregos também continuavam sua atividade. O senhor Ângelo reclamara que eles tomaram a sombra que o pequeno arbusto da rua faz onde ele sempre fica, e disse ainda que esta prática dos senhores está sendo recorrente, pois aproveitam quando ele vai almoçar para se instalarem debaixo da árvore, onde a carroça fica estacionada. Pela convivência diária as cachorras não mais os estranham.

As ruas do centro de São Paulo têm poucas árvores, o que faz com que as pessoas disputem suas sombras nos dias mais quentes, principalmente quando os prédios já não mais sombreiam grandes áreas. Esta disputa se dá principalmente por pessoas que trabalham na rua: ambulantes, garis, catadores, policiais, guardas metropolitana etc. Para buscar um local mais fresco, ele muda a carroça para o lado da banca de jornais que fica a cerca de 100 metros dali, na esquina com a Rua Dom João Gaspar, onde faz mais sombra por causa da cobertura da banca e dos prédios, o que o deixa mais descontraído, de melhor humor, conforme percebo pelas conversas.

Ao questioná-lo sobre onde eu poderia utilizar um banheiro, me aconselha a ir no Metrô República, como sempre ele faz. Perguntei então se utiliza o banheiro da Biblioteca Mário de Andrade, que se localiza ali próximo, ou mesmo de outro prédio público e centros culturais situados nas ruas próximas (como a Galeria Olídio, Praça das Artes, o Teatro Municipal, o prédio dos Correios, o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Caixa Cultural etc.), mas sua resposta foi negativa e sem entrar em detalhes. É importante salientar que os banheiros espalhados pela rede de metrô de São Paulo são separados em áreas livres e em áreas pagas, isto é, estão situados ou antes da catraca de entrada na área de embarque, ou depois dela, respectivamente, sendo que na maior parte das estações que afirma possuir sanitários públicos estes são atrelados ao terminal rodoviário, como podemos ver no documento da companhia de Metrô⁸. No caso da Estação República, os sanitários estão na área livre, o que permite o acesso também para as pessoas em situação de rua, com é o caso do senhor Ângelo e tantos outros, como é comum ver ao se passar pelas dependências da estação. Vou ao sanitário da biblioteca para observar se pessoas em situação de rua o utilizam, mas no tempo em que lá estive não vi ninguém que aparentasse estar nesta situação adentrar

⁸<http://www.metro.sp.gov.br/pdf/acessibilidade/sanitarios-publicos.pdf>

as dependência da biblioteca. Outro local em que ele utiliza o banheiro é no ferro-velho em que vende o material reciclável catado, que fica na Rua dos Protestantes, no bairro de Santa Ifigênia. Neste banheiro é onde ele consegue tomar banho, desde que tenha material a ser vendido. Não sei dizer se todos os depósitos têm banheiro que possibilite o banho ou mesmo o uso para outros fins.

Em todo caso, o Senhor Ângelo disse que só vende para esse ferro-velho, até porque não consegue ir em outro por causa da saúde. Comentou que tem um que pratica um melhor preço do que aquele que vende, mas que fica próximo ao Parque Dom Pedro, porém, para chegar até ele seria preciso subir e descer algumas ruas, para o que alega: "não tenho mais a força para isso".

Ao retornar encontro o Senhor Ângelo afastado da carroça, sentado na calçada em frente à loja Kalunga. Ali se encontra também um senhor que faz e vende artesanato em madeira, que conversava com o Senhor Ângelo sobre o fluxo baixo de pessoas comprando nas lojas e o quanto isto é ruim para ambos: para o catador, pela não-geração de materiais descartáveis, oriundos das embalagens das mercadorias, e para o artesão, por não ter para quem vender o seu produto. Do outro lado da rua, as cachorras latem para o seu dono, que vai buscar a Laika, que fica segura pela corrente. O senhor artesão vai embora por volta das 16h00 desejando um melhor movimento para o dia seguinte, dizendo que, se continuar assim, não virá mais ao centro a trabalho. Ao Senhor Ângelo não resta outra opção a não ser ficar esperando os dias de consumo maior chegarem, como afirma acontecer no final do ano, se referindo às festa de natal e de ano novo, quando os índices de venda aumentam no comércio.

Uma outra estratégia do Senhor Ângelo para conseguir dinheiro se dá por meio da comercialização daquilo que lhe é doado. Ele explica que muitas pessoas doam roupas, cobertores e rações para cães, o que faz com que em alguns momentos ele acumule mais do que precisa para atender as necessidades do dia-a-dia. As roupas são vendidas para outras pessoas em situação de rua ou em brechós e as rações geralmente para alguns comerciantes que o conhecem, sendo sempre por preço muito abaixo daquele praticado no comércio. Os cobertores, quanto não são aqueles para "doações", como anuncia na entrada da loja de departamentos localizada próximo ao shopping Linht, são vendidos em hotéis modestos do centro, por valores em torno de dez reais. Isso também acontece com a doação de materiais de escritório como, por exemplo, com estruturas de cadeiras para escritórios. Ele afirma que é assim que consegue "se virar" nos momentos em que a catação do papel e do papelão não está dando "nem para o almoço", como no momento atual.

Ainda sobre as doações que acontecem no âmbito das pessoas em situação de rua, há uma prática recorrente que é o recebimento de alimentos de terceiros. Estes também viram moeda de troca, seja por dinheiro, por outra mercadoria, ou mesmo por drogas- ilícitas (crack, principalmente) ou lícitas (a cachaça). Na Rua Barão de Itapetininga tem uma loja de Fast-Food da rede MC Donalds, onde é muito comum ver pessoas em situação de rua do lado de fora pedindo algum alimento; entrar na loja é algo difícil para eles, nota-sea presença de alguns seguranças no estabelecimento. Muitas pessoas se sensibilizam e lhes compram o pretendido alimento. Boa parte desses lanches são vendidos ou mesmo trocados por pedras de crack, afirma o Senhor Ângelo, para quem foi oferecida a compra dois lanches enquanto estávamos juntos. Ademais, ele continua a nos dizer, também os "cobertores bons" (que não são aqueles característicos de moradores de rua) doados podem se tornar produtos a serem vendidos, neste caso para pequenos hotéis do centro de São Paulo, sendo que preço varia de acordo com o tipo de coberta. Ele diz que já recebera 30 reais por dois cobertores, mas que só vende se os recebem em época de calor, quando está com muitos deles ou sem dinheiro para fazer refeições diárias.

Outro aspecto sobre doações de alimentos, diz respeito ao cuidado tido quando não se sabe a procedência deles. Ele diz que não gosta de comer a comida mexida pelas pessoas, pois, em primeiro lugar, considera aquilo uma ofensa e, em segundo lugar, não sabe se a comida está com veneno ou algo que possa lhe fazer mal, assim muitas vezes prefere dar o alimento para as cachorras. Ao falar disso, ele afirma que é nestes momentos que o viver na rua e da rua lhe faz pensar em "querer morrer dentro de uma casa". Por outro lado, ele afirma que suas refeições noturnas - a janta - são feitas com comida doada por grupos assistencialistas que trabalham na distribuição de alimentos à noite no centro de São Paulo. Estes grupos geralmente são ligados a práticas religiosas cristãs, sejam elas católicas, evangélicas ou espíritas⁹.

O trabalho de Costa (2008) faz uma etnografia de pessoas que fazem esse trabalho desde os anos 1970 no âmbito da igreja católica: as irmãs Oblatas; e é do processo de consolidação e ampliação do trabalho dessas irmãs que outras figuras aparecem no âmbito da população de rua em São Paulo, como é o caso do Padre Julio Lancellotti, que é hoje uma figura política central desta questão na cidade. Também é no cerce deste grupo que se deve as

⁹Ao longo do trajeto de pesquisa descobrimos e saímos acampo junto a um desses grupos, oAnjos da Noite. O grupo atua no centro da capital desde do ano 1989, como nos contou Kaká Ferreira, um dos fundadores do grupo. <http://www.anjosdanoite.org.br/>

origens de dois movimentos sociais ligados aos catadores/as e às pessoas em situação de rua: o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) e o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR).

As doações são sempre bem-vindas para o Senhor Ângelo. As maneiras que ele as negocia, seja com outros em situação de rua, comerciantes, reformadores de móveis e eletroeletrônicos de escritórios etc., permitem que ele consiga algo além do dinheiro necessário para o alimento básico do seu dia-dia: a sua segurança

Para quem vive na rua, acumular pode se tornar um risco à sua própria sobrevivência. Não foram poucas as vezes em que o senhor Ângelo teve problemas com outras pessoas em situação de rua por causa de furto dos seus pertences. Em um dos nossos trabalhos de campo, ele apresentava hematomas no rosto resultantes da agressão feita por um homem que também vive na rua - um "noía", como ele disse -, que lhe chutara no meio da madrugada para furtar a sua pochete, onde estava um pouco de dinheiro, seus documentos e os remédios do tratamento de uma pneumonia que desenvolveu no último inverno. Além desse caso, outros são lembrados, como quando levaram um aparelho de rádio a pilha que tinha comprado para ouvir músicas a noite e dois cobertores. Há casos, complementa, que a pessoa não conseguiu lhe furtar porque o cão Muito-Loko a atacou, deixando-a com sua barriga muito ferida pelas mordidas. Dias depois ele reconheceu este morador pelos curativos na barriga e também porque o mesmo embriagado lhe disse que quem o machucara havia sido o cachorro dele. O mais recente caso, ele promete vingança, tendo em vista que o homem é um conhecido da rua por furtar outros catadores em situação de rua, e até mesmo por ficar próximo a ele, na Rua Dom José Gaspar.

A questão da segurança na rua é algo muito presente nas falas do Senhor Ângelo, tanto que por vários momentos ele me questionou se eu não saberia quem lhe poderia doar um cachorro de porte grande, como o Muito-loko, pois suas cachorras conhecem muitas pessoas e isso permite que estas possam se aproximar da carroça há qualquer momento. Três crianças que são artistas de rua e tocam música sertaneja e moradores de Franco da Rocha disseram ao Senhor Ângelo que arrumam o pretendido cachorro para ele.

Em outros momentos, ele fala em conseguir um revólver para poder se defender dos ataques de outros moradores ou de qualquer violência que lhe possam dirigir. Em sua trajetória de vivência na rua, afirma que muitas vezes usou alguma arma contra outras pessoas, principalmente quando era mais novo e ficava no entorno da praça da Sé.

A praça da Sé é um local conhecido por concentrar muitas pessoas em situação de rua há muito anos e ter sido palco de um dos episódios de maior brutalidade e violência contra esta população no país em quatro dias sete pessoas foram mortas com golpes na cabeça enquanto dormiam. Este episódio é conhecido como o massacre da Sé e aconteceu entre os dias 19 e 22 de agosto de 2004. Atualmente o dia 19 de agosto é reivindicado como dia nacional de luta da população de rua¹⁰.

O caso ganhou repercussão nacional e internacional, sendo amplamente explorado pelas campanhas eleitorais opositoras à gestão petista de Marta Suplicy (2001-2005) candidata a um novo mandado, como demonstra um outro estudo de Costa (2009). No último pleito à prefeitura de São Paulo, o tema das pessoas em situação de rua novamente esteve entre os temas importantes das campanhas, tendo em vista que uma onda de frio intensa atingira a cidade em junho, levando a óbito por motivos decorrentes ou agravados 25 pessoas que viviam na rua e revelando os problemas verificados no acolhimento dessas pessoas em albergues do município¹¹.

Vale ressaltar que um episódio como o massacre da Sé não é único. Pode-se lembrar o massacre da Candelária, no qual oito jovens em situação de rua - seis menores de 18 anos - foram executados por policiais militares na cidade do Rio de Janeiro, em 23 de julho de 1993. Esse caso também ficou internacionalmente conhecido.

A violência contra a população em situação de rua é algo recorrente que suscita muitos debates em torno da questão e em vários níveis de análise (LEFEBVRE, 2008). No nível do Estado, pode-se destacar a repressão policial e o escasso programa de acolhimento - "o deixar morrer e o fazer viver" que comenta Costa (2009). Também se pode destacar a própria violência do processo de urbanização (SAMPAIO, 2015), que nega a vida nas cidades e condiciona as pessoas a estarem em situação de rua. Finalmente, mas não menos importante, também no nível individual, as próprias pessoas são violentas umas com as outras de acordo com as suas necessidades ou motivos.

Por volta das 17h00, o movimento da rua começa a ser intensificado com o horário de saída do trabalho. Assim, as lojas e os prédios começam a depositar seus resíduos na calçada, sabendo que logo algum catador/a¹² irá apanhá-los. Em algumas lojas, os vendedores

¹⁰<http://www.ebc.com.br/cidadania/2015/08/massacre-da-se-completa-11-anos> acesso em 18/10/2016

¹¹ <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/mais-de-100-moradores-de-rua-morreram-desde-marco-em-sp-diz-iml.html> acesso em 18/10/2016

¹² O trabalho de Legaspe (1996) faz um etnografia das diferentes formas de trabalho de catação no centro de São Paulo de acordo com a característica do local.

começam a levar caixas de papelão para próximo da carroça do Senhor Ângelo que, de forma lenta e com dificuldades, começa a dobrá-las e empilhá-las na carroça. Esse movimento se repete algumas vezes até completar as três lojas que sempre lhe disponibilizam seus descartes. Uma quarta loja, a drogaria Onofre, naquele dia também lhe permite catar alguns materiais de construção à base de metal, tendo em vista que passa por uma reforma interna. Ele comenta que às vezes é solicitado para catar alguns materiais nesta drogaria, mas diz que só faz se ver que vale a pena, pois aconteceu que na mesma loja queriam que ele limpasse e levasse o entulho para outro lugar em troca de algumas caixas de papelão! Outras lojas não disponibilizam e não permitem que sejam doados os resíduos, pois, como conta o catador, os gerentes das lojas eles mesmos juntam para venderem. É o caso da loja World Tênis. Essa prática é mais comum em prédios comerciais, como aponta Legaspe (1996).

O último lojista lhe disponibiliza o material já por volta das 19h00, quando a rua já se encontra com a menor movimentação de pessoas ao longo de todo o dia. Na paisagem muitas carroças e veículos da limpeza pública do município, além das viaturas da Guarda Civil metropolitana e da polícia militar e mesas de poucos bares e restaurantes abertos. Caminhamos no sentido da Rua Dom José Gaspar para chegarmos à Rua 24 de maio, aonde ele passará a noite. Ele estaciona a carroça em frente às obras de instalação de uma nova unidade do SESC, ao lado de uma agência do Banco Itaú e a alguns metros da famosa Galeria 24 de Maio e da popular Galeria do Rock.

Sobre o volume de material catado nesse dia, ele me diz que "não vai dar nem cinco conto", e por isso quando foi pegar seus remédios com o senhor dono da lojas de bolsas, também pegou mais 20 reais da sua pequena poupança de cerca de 300 reais, pois: "caso não passe o pessoal que dá a quentinha hoje, eu não fico com fome". Ele diz que às vezes, este senhor não tira do dinheiro de sua poupança, mas sim do próprio caixa.

Em torno das 20h00, eu me despeço dele e das três cachorras, pois ele começa a arrumar seu local para dormir. Retira da carroça três caixas de papelão e as estende embaixo da carroça - mas sem fechá-la ou cobri-la, pois se sente mais seguro -, em seguida coloca seu três cobertores em cima do papelão e começa se acomodar, prendendo as cachorras Pretinhas e Laika ao seu lado, permanecendo a outra cachorra dentro da carroça. Assim, é que ele diz estar mais seguro para dormir um pouco até o próximo dia de trabalho.

CAPÍTULO 2 : A vida cotidiana a partir das reflexões de Henri Lefebvre

A instauração da vida cotidiana como tema de análise é um marco importante na obra intelectual de Henri Lefebvre (1901-1991). Este tema ganha maior atenção do autor após o término da segunda guerra mundial, momento o qual considera de grandes mudanças na sociedade, que é o da passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade urbana. Neste período, ele observou que algumas alterações sociais, políticas e econômicas no mundo do pós-guerra impactaram e aprofundaram de modo transformador a vida das pessoas e suas práticas sócio-espaciais, o que advém, sobretudo, do imperativo da lógica do consumo em massa, enormemente apoiado pelas políticas do Estado do bem-estar social e da difusão do *American Way Of Life* nos países centrais do capitalismo. Após alguns livros e artigos publicados, é nos anos finais de 1960 (mais precisamente na Paris de 1968) que ele publica uma de suas obras que trata de forma mais central a questão da vida cotidiana e da necessidade de sua crítica: *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno* (1991).

Para Lefebvre é no cotidiano que podemos analisar os processos mais singulares e mais universais da sociedade. É nele que as práticas sócio-espaciais se revelam de maneira mais evidente enquanto processo simultâneo. Assim, o que se define como política de Estado e aparece como o mais longe possível da vida prática das pessoas, se mostra presente no cotidiano sob certos aspectos, seja pela aceitação ou pela resistência, ou por ambas as coisas dialeticamente. Damiani (2012; 2008) aponta que é no plano de análise do cotidiano que a prática social ganha mais relevo, considerando também as práticas econômicas e políticas, que são geralmente as mais privilegiadas pelas análises da sociedade. Aqui o debate gira em torno da totalidade da compreensão do real frente à fragmentação feita pelas ciências parcelares na interpretação da nossa sociedade e também daquelas que nos precederam.

O cotidiano é compreendido para além dos níveis mais distantes da vida, pois retoma aquilo que no campo do conhecimento filosófico e científico (das ciências parcelares) se considerou como banal e menos importante do que as concepções mais abstratas, descartável portanto, para a interpretação do mundo e da realidade capitalista no contexto da sociedade urbana. Essas coisas banais são tão ricas quanto qualquer outra base de análise porque possibilitam entender como os empregos do tempo da vida de cada pessoa, segmento social (grupos étnico-raciais, afetivos, de trabalhadores, de classes) são tomados para reproduzir as relações sociais de produção sob o capitalismo, mas também, de certa forma, negá-las, quando

da realização crítica da apropriação, argumenta Lefebvre (1991). Ademais, não somente o emprego do tempo conta para o cotidiano, contam-se também os objetos, as estratégias e ações tomadas por cada segmento, segundo sua classe e de acordo com suas necessidades específicas, que compreendem as práticas alimentares, de vestir-se, de morar, de decorar, de relacionar-se, de desejar, de lazer, de fruição, etc. Neste sentido, o conceito de reprodução social ganha importância ímpar, pois revela as estratégias encontradas e elaboradas pelos diferentes segmentos sociais no cotidiano, tanto nos usos do tempo quanto nos usos dos espaços.

Desta maneira, Lefebvre tece uma crítica à corrente de pensamento conhecida como "nova história", pois se propõem a descobrir o cotidiano de cada período histórico em seus mínimos detalhes, o que para ele é impossível, tendo em vista que o cotidiano tal como o concebe só emerge com o capitalismo industrial e concorrencial do século XIX, isto é, no mundo concebido como moderno, e portanto, algo temporalmente instituído e espacialmente marcado, incluindo aí a própria perspectiva temporal e espacial que tem quem o estuda. Aquelas análises, entretanto, não perdem a sua relevância como um todo, pois recuperam a vida cotidiana de momentos do passado e que são também importantes, tanto do ponto de vista das continuidades quanto das descontinuidades históricas do movimento das sociedades, mas que ficam aquém de uma crítica da vida cotidiana no mundo moderno, o cerne da proposta e do projeto lefebvrieriano, como afirma Damiani (2012, p. 166).

Aqui a perspectiva é demarcar a temática do cotidiano como exigência para a compreensão do mundo moderno, circunscrevendo-a mais estritamente. A potência do conceito, dessa forma, não se dilui. Por outro lado, uma análise durkheimiana não esclarece a crítica da vida cotidiana e seu sentido transformador, remetendo ao funcionamento de uma sociedade que parece imóvel, eterna.

De forma geral, o objetivo é compreender o cotidiano como característica da cotidianidade, que surge como momento histórico do capitalismo industrial e no mundo moderno, tendo em sua base o apelo ideológico da modernidade. Aliás, a modernidade encobre o movimento maior que é a própria cotidianidade. A cotidianidade, segundo Lefebvre (1991), como fio condutor para conhecermos profundamente nossa sociedade, seu tempo e seu espaço, enquanto prática sócio-espacial, permite-nos desmistificar a racionalidade própria

da modernidade e do moderno¹³, enquanto ideologias de classe e como sustentáculos de uma vida pretensiosamente livre, igualitária como se mistifica na ideologia da classe dominante, sendo que é o contrário disto, isto é, uma sociedade desigual, regrada, programada, opressora, por isso estruturante da reprodução das relações sociais de produção (LEFEBVRE,2008). Esta é a característica da *sociedade burocrática de consumo dirigido* que estrutura as sociedades sob o modo de produção capitalista e que condiciona a prática social, as vidas humanas, no sentido de reprodução ampliada do capital. Em síntese condiciona a própria vida nas cidades e das cidades ao urbano, ou seja, à sociedade urbana.

Conforme Lefebvre concebe, a sociedade burocrática de consumo dirigido programa, e de certa maneira, formata o modo de viver, o vivido e as práticas sócio-espaciais nas e das cidades em âmbitos que vão do mais particular ao mais universal, mas isso não ocorre de forma total (pois existe o irredutível). Lefebvre aponta também para uma esfera psíquica da prática sócio-espacial a partir das suas estratégias de reprodução social, das suas necessidades nos mais diferentes níveis de vida.

Em artigo denominado de *psicología das classes sociais* (LEFEBVRE, 2005), são analisadas as *mediações* que existem entre o mais geral da sociedade e o mais singular, do Estado ao cotidiano das pessoas, e elas são vistas de acordo com o que cada classe estabelece como suas estratégias de reprodução social, atendendo a suas necessidades específicas (básicas para reprodução biológica da vida e também para os outros âmbitos da existência) em relação com os diferentes níveis em que se realiza a vida: o das relações familiares, das relações com a vizinhança etc., do privado e do público, simultaneamente. Lefebvre diz que "*assim, o Estado é primeiramente uma mediação entre o individual e o social, entre o privado (os interesses privados) e o público (interesse geral)*." (2005, p.28).

Em outro artigo intitulado de "introducción a la psicosociología de la vida cotidiana" presente no livro "*Henri Lefebvre: de lo rural a lo urbano*" que reúne alguns textos apresentados separadamente em conferências, etc., Lefebvre (1976) nos chama atenção para a vida cotidiana no sentido prático e aponta para o caráter de realização das necessidades da pessoas na cidade e pela cidade. Ou seja, aquilo que foi dito no parágrafo acima, localizado no espaço. As travessas, as ruas, as praças, os parques etc., assim como os cafés, os restaurantes, os teatros, as bibliotecas, templos religiosos, etc. são locais em que a prática social das

¹³Neste artigo, Cesar Ricardo Simoni Santos (2015) faz uma discussão sobre as formas que a modernidade e o moderno se tornaram uma ideologia da classe dominante, a burguesia industrial, para se tornar uma estratégia de poder.

pessoas é realizada a partir do seu corpo no espaço e de suas necessidade específicas, de acordo com o gênero, a raça, a sexualidade e classe, em termos gerais. Tal fato é evidente nos diversos tipos de cidades já conhecidas ao longo da história humana (LE GOFF, 2000). As relações que são construídas ou reproduzidas nesses locais são expressões do modo de viver de cada grupo e/ou segmento social que constitui a sociedade, a cidade, partindo de um lugar e de um tempo, isto é, de um espaço-tempo determinado.

Como não alheias são momento histórico crítico em que vivemos, de uma sociedade urbana que se consolida, nossas vivências estão imersas na cotidiano sob a sociedade do consumo dirigido ou sendo assimiladas a esta, como no caso de modos de vidas mais tradicionais - o que não quer dizer que ocorre o seu total desaparecimento ou mesmo que este seja um processo passivo. As necessidades que outrora eram centrais para certos grupos e segmentos sociais e que permitiam a apropriação ao seu modo para realizar a vida em geral, atualmente se convertem prioritariamente em desejos, direcionando assim os modos de viver não-capitalistas ou ainda não totalmente assimilados aos padrões de consumo sustentados pelo discurso da modernidade, consolidando a cotidianidade. Entretanto, isso se dá de forma desigual, violenta, conflituosa e contraditoriamente, através dos sistemas e mecanismos de opressão (racismo, machismo, homofobia etc.)¹⁴, de subordinação e/ou expulsão (campeses, povos tradicionais, atingidos por obras de infraestrutura, como as barragens)¹⁵, "modelamento" habitacional (condomínios fechados, programas habitacionais)¹⁶ etc.

A cotidianidade que o autor aponta neste texto se estende em dois aspectos que são dialéticos, contraditórios portanto: a *riqueza e a pobreza*. Estas duas características comportam de forma conflituosa e contraditoriamente os sentidos da apropriação e da realização do humano ao mesmo tempo em que comportam práticas que revelam o dirigismo programático exercido sobre a vida humana em suas atividades rotineiras.

'Riqueza de la cotidianidad: en ella se esbozan las más auténticas creaciones, los estilos y formas de vida que enlazan los gestos y palabras

¹⁴Podemos citar os trabalhos de Saffioti (2005), Du Bois (1999), Hooks (2013) e Gates Jr (2011), entre outros, que tratam dessas questões. Na geografia podemos encontrar os trabalhos realizados no âmbito da UERJ-FFP que vão nesse sentido, com os trabalhos dos Professores Renato Emerson dos Santos (2012) e Andrelino Campos (2005). Ademais, vale apontar para o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Geografia, Relações Raciais e Movimentos sociais - NEGRAM - da mesma universidade.

¹⁵ Aqui podemos citar os trabalhos na linha da geografia agrária de Oliveira (2012), Medeiros (2008), Gonçalves (2001), entre outros.

¹⁶ Os trabalhos de Damiani (1999), Volochko (2015) são exemplos de pesquisas realizadas no âmbito da geografia urbana em que o cotidiano é posto para análise do processo de urbanização.

corrientes con la cultura. En ella se opera la renovación incesante de los hombres. (...) Miseria y pobreza: la vida cotidiana es también la repetición de los mismos gestos, levantarse por la mañana, preparar el café, salir, recorrer las calles, las mismas cada mañana, y atravesar las plazas, las mismas, tomar el metro, perderse entre la muchedumbre, leer el periódico, entrar por la misma puerta en el mismo taller o la misma oficina."(LEFEBVRE, 1976 p. 86).

O sentido prático da vida cotidiana ganha contornos mais precisos quando se observa, por exemplo, as ruas, pois nelas todas as coisas que dinamizam a vida cotidiana convergem, se encontram, entrecruzam, dispersam-se. Através da rua, as pessoas alcançam seus lugares de trabalho, de moradia, de fruição, de se relacionar com o outro, de encontro até de permanência etc. O vai-e-vém da rua é capaz de revelar como as pessoas saciam as necessidades sociais e como desenrolam os processos espaciais, de acordo com a classe a que pertencem, e até mesmo a posição que têm dentro da sua classe; por exemplo: a mulher rica e branca *pode entrar* em uma loja e comprar o vestido que desejar; a mulher pobre negra ou branca pode até desejar o mesmo vestido, mas não tem o dinheiro para obtê-lo, o que não impede de *estar na rua para observar* a vitrine por alguns instantes, até ser retirada pelo serviço de segurança (privado ou público)... Este é um exemplo sócio-espacial de que nas ruas muitas coisas podem ser reveladoras das dinâmicas culturais, sociais, econômicas e políticas que modelam a nossa sociedade.

A rua, portanto, enquanto lugar em que diversas atividades são realizadas (as vezes só podem ser realizadas certas atividades nesta ou naquela rua), como da circulação na cidade moderna, permite apreender e compreender como certas dinâmicas acima referidas se articulam na sociedade urbana.

O Método

Segundo José de Souza Martins (1996) não é encontrada na obra de Henri Lefebvre uma síntese objetivada a exposição do seu método como um todo, a não ser alguns trechos de suas obras. Entretanto, o que se sabe é que em dois artigos presentes no livro organizado pelo sociólogo - *introdução a critica a sociologia rural* (Martins, 1981) - há uma exposição sobre este método, conhecido como regressivo-progressivo.

O método em si, segundo o próprio proposito, se baseia em elucidar as complexidades horizontais e verticais das realidades sociais ao longo do tempo. Assim,

segundo Lefebvre (1981; 1974), as horizontais são ligados aos conjuntos das condições das realidades vividas pelos grupos e segmentos sociais, isto é, das maneiras as quais as relações concernentes a estes expõe a forma, a função e a estrutura do modo de vida. As verticais são aquelas que aparecem como marcas históricas, sejam no sentido de uma transformação ou de um resíduo do passado que não fora transformado. Estas "*duas complexidade(…)*
entrecruzam-se, recorta-se e agem uma sobre a outra. De onde um emaranhado de fatos, que apenas uma boa metodologia pode desembaraçar." (LEFEBVRE, 1981, pp. 166). A metodologia que é apontado por Lefebvre é possível a partir de três momentos distintos e complementares da pesquisa, ressalta Martins (2011): o momento descritivo, analítico-regressivo e histórico-genérico, em síntese, denominado de método regressivo-progressivo.

O momento descritivo é aquele em que se traz ao primeiro plano da análise as percepções que se tem do objeto estudado. O momento analítico-regressivo tem como objetivo revelar a complexidade vertical das relações sociais, onde se evidencia as temporalidades desiguais, o continuo e o descontinuo, explicitando assim o processo histórico. No momento, o histórico-genético, é onde quem realiza a pesquisa retorna ao presente com intuito de revelar as condições do vivido, mas agora já passado pelo percebido e pelo concebido, respectivamente. Martins diz: *A volta à superfície fenomênica da realidade social elucida o percebido pelo concebido teoricamente e define as condições e possibilidade do vivido* (2011, pg. 106).

Lefebvre resume o método regressivo-progressivo da seguinte maneira:

"Propomos, então, um método muito simples [sic], utilizando, as técnicas auxiliares, englobando vários momentos:

- a) *Descritivo*. Observação, porém munida da experiência e de uma teoria geral. Em primeiro plano: observação participante no local de pesquisa Utilização prudente das técnicas de pesquisa (entrevistas, questionários, estatísticas).
- b) *Analítico-regressivo*. Análise de realidade descrita. Esforço para datá-lá com precisão (para não nos contentarmos com a constatação dos "arcaísmo" não datados, não comparados entre si).
- c) *Histórico-genético*. Estudo das modificações destacou daquela estrutura previamente dada, causada pelo desenvolvimento ulterior (interno ou externo) e por sua subordinação às estruturas de conjunto. Esforço para uma classificação genética das formações e estruturas, no quadro do processo do conjunto. Esforço, portanto, para retornar ao atual anteriormente descrito para reencontrar o presente, porém elucidado, compreendido: *explicado*." (LEFEBVRE, 1981, pp. 173 - grifos do autor)

Desta forma, o método regressivo-progressivo de Lefebvre é composto pelas complexidades verticais e horizontais que quem pesquisa a realidade social sob este enfoque teórico precisa se deter. Além do mais, é preciso nestes procedimentos atentar-se aos níveis e dimensões da realidade social (que Lefebvre trabalha mais claramente nos livros *A Revolução Urbana* (2008) e *o Direito à Cidade* (2008) e que também está presente em *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno* (1971)) e também o papel das mediações no processo da reprodução social.

As contribuições dos trabalhos presente no livro organizado por Cabenes e Telles (2011) em que as etnografias são centrais possibilitam que a descrição sejam postas em evidência, no sentido da totalidade do processo da industrialização-urbanização-metropolização (SEABRA, 2009), nas próprias contradições e conflitos presentes na atualidade da sociedade capitalista, mesmo sem as debatê-las. A etnografia auxilia-nos a reaver as complexidade horizontais e verticais do método, assim como outras áreas. Entretanto, podemos observar que mesmo Lefebvre (1981) aponta os limites que a etnografia nos coloca. O trabalho de Geertz (1989) propõem uma concepção antropológica de etnografia que se articula, em certo sentido, com o momento descritivo do método regressivo-progressivo: a descrição densa.

A descrição densa coloca o pesquisador a refletir sua prática, sua ações de reunião de informações e dados para a construção da interpretação do estudo realizado. Seria o que chamou de "*pensar o pensamento*" no processo da construção da interpretação do objeto pesquisado, o que ultrapassa a etnografia somente como constatação, como diz Geertz:

'Em antropologia ou ,de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma 'descrição densa'(...) esta fazendo: 'pensando o refletindo' e o 'pensar o pensamento.' (1989, pp.15-6)

CAPÍTULO 3 - A CENTRALIDADE DO CENTRO DE SÃO PAULO EM RELAÇÃO AO TRABALHO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.

O processo de industrialização da cidade de São Paulo é um marco que acarretou em grandes transformações espaciais e sociais na cidade e que teve reflexo na vida cotidiana da mesma. Dentre aquelas que merecem destaque, o processo de urbanização é a mais notória e abrangente, pois atingiu a realidade da cidade tanto pelas alterações nas formas, funções e estruturas urbanas quanto dos conteúdos sócio-espaciais delas derivadas, o que inclui os diferentes usos do espaço e do tempo, culminando nas práticas sócio-espaciais que conhecemos e que são vividas hoje na metrópole paulistana.

As transformações que o processo de industrialização-urbanização-metropolização (SEABRA, 2009) são fio condutores para compreender a metrópole paulistana, que extrapola os limites administrativos do município de São Paulo e que congrega entorno de si 39 municípios, formando a região metropolitana de São Paulo (RMSP). A centralidade da cidade de São Paulo é, sem dúvida, a mais importante dentre todas estas. Mas o que é esta centralidade de São Paulo?

Por centralidade se comprehende um fenômeno urbano que reúne e acumula formas e conteúdos diversos em um mesmo lugar, o que articula, portanto, os planos político, econômico e social, se transformando de acordo com o tempo no espaço. Como uma forma urbana, a centralidade é em si só contraditória, tendo em vista que as sociedades sob o capitalismo contêm e evidencia contradiatoriamente as suas características, seja enquanto valor de troca, o predominante em nossa sociedade, seja enquanto valor de uso.

Serpa (2011) afirma que as centralidades congregam os aspectos de uma cidade que de fato são essenciais para a reprodução das relações sociais de produção, mas também as relações que se colocam como de reprodução da vida e de sua realização, no sentido da sua apropriação e como algo criativo do uso e do usador na cidade, como atividade que extrapola as relações capitalistas na e da cidade, o que por vezes é negligenciado ou não considerados nas pesquisas. Se aponta, portanto, para os aspectos materiais e imateriais que concerne a produção do espaço, principalmente no que se colocam no plano social e no plano do lugar.

Alves (2010) aponta que as centralidades estão sempre em processo de mudanças, assim como o conjunto da cidade no movimento em relação a sua centralidade, no caso de São Paulo, as suas centralidades. Ao apontar para os diversos usos do espaço que a centralidade do centro permite para a vida cotidiana, nos direciona para pensar o centro

enquanto lugar de reunião do diferente e da diversidade que a metrópole comporta, tendo em vista que é exatamente estes encontros que torna-o, dentre as outras, a centralidade mais importante da cidade; e mesmo com as mudanças e transformações que a cidade de São Paulo passou entre o final do século XIX até os dias atuais essa centralidade não foi perdida, mas resignificada de acordo com as suas formas de apropriação pelos diferentes usos e pelas diferentes segmentos sociais e classes¹⁷. Dessa maneira, a vida cotidiana de um lugar se relaciona com os processos mais gerais de uma sociedade em níveis e escalas diferentes, como afirma Carlos (2011a). O lugar é a escala em que se realiza a vida, com todas suas características de sociabilidade, isto é, de conflitos, confrontos, consensos, dissensos, etc., de realização e das estratégias para reprodução social, como também a partir destas se formam as representações do espaço. No plano do lugar e da vida cotidiana é que as reuniões dos aspectos mais ricos e miseráveis da cotidianidade se manifestam e são passíveis da análise através do cotidiano de uma classe social, de um segmento de classe, de pessoas, de indivíduos, enfim, dos modos vidas que formam uma dada cidade, em geral, ou de um bairro, vila, rua, em particular(LEFEBVRE, 1978).

Como apontado acima, o processo de industrialização-urbanização, em primeiro momento, e em seguida de metropolização, são fenômenos que caracterizam a gênese urbana e social da metrópole. O que se tinha como referência do uso do espaço e do tempo antes do processo da industrialização evidencia as relações existentes na cidade, com os diferentes modos de vida que a compunha. As transformações das relações desses modos de vida pela indústria e pela industrialização, este sendo processo organizado e intensificado através de ações do próprio estado, são constitutivo do momento de implosão-explosão da cidade, o que atinge e modifica as diversas maneiras de usos da cidade no contexto urbano, da sociedade que se torna urbana.

A urbanização da cidade é assim fruto desse momento e é em si mesmo um processo extremamente violento, como aponta Sampaio (2015), tendo em vista a destruição da sociabilidade que se tinha antes, colocando a cidade mais nos termos da troca e menos no de uso, como veremos a frente. Ou seja, a sociabilidade que atravessa o valor de uso é submetida quase que incondicionalmente ao do valor de troca. As relações de rua, vila, bairro são transformadas, extintas, expulsas quando o espaço passa a ser principalmente lócus da

¹⁷"O centro contém um centralidade urbana que pode sempre reunir mais objetos e atos e situações e novos objetos, novos atos e novas situações." (p. 31)

reprodução do capital, onde o setor imobiliário passa ter um papel fundamental, quando da propriedade privada da terra. No entanto, a sociabilidade enquanto valor de uso não desaparece totalmente, mas passa a se realizar de outras formas e com estratégias ligadas ao lugar, como na reprodução da vida no urbano periférico (Burgos, 2008), por exemplo, com as relações de solidariedade, cooperação, criação artística (movimento hip-hop é exemplar!) etc. Não é nosso intuito aqui nos aprofundar nisto, mas somente apontar que os sentidos do valor de uso, quando da apropriação do espaço, se realizam de alguma maneira, tendo em vista que há algo que é sempre irredutível aos imperativos do capital (SEABRA, 1996), por mais absurdo que isso pareça ser no contexto de uma lógica social extremamente desigual e excludente que é o capitalismo.

Voltemos as questões em torno da centralidade. As mudanças que se atenuaram na cidade com a indústria e com o processo de industrialização-urbanização se refletem na centralidade do centro da cidade e até mesmo criam outras centralidades e núcleos na cidade, que, em parte, oferecem condições para que a população precise menos se deslocar para o centro. Nos casos metropolitanos, as centralidades se multiplicam no tecido urbano e assim modificam substancialmente a vida nas cidades. Em São Paulo, a metrópole se fez polinucleada, o que foi posto, retomando o argumento já apresentado, dentro do movimento da cidade como um negócio, articulando o setor imobiliário com o capital financeiro dentro de uma sociedade classes.

Contudo em que especificamente isto nos ajuda a compreender as relações da centralidade do centro de São Paulo e desta com o trabalho de catação e do cotidiano de quem vive desta prática? É preciso mostrar, em linhas gerais, como que a cidade de São Paulo se transformou. Não se pretende aqui fazer um trabalho mais denso sobre o tema, mas somente localizar a centralidade do centro no processo de constituição da metrópole, tendo em vista que muitas pesquisas já realizaram esta tarefa de forma profunda, como são os clássicos da Geografia Urbana de Aroldo de Azevedo (1945) e também os estudos mais recentes da Geografia Urbana crítica, como as discussões presentes nas pesquisas desenvolvidas por Amélia Damiani, Ana Fani Alessandri Carlos, Gloria A. Alves e Odette Seabra e tantos outros trabalhos pós-renovação da Geografia brasileira.

-O Desenvolvimento da Cidade e a Centralidade do Centro

Acima se referiu a centralidade como um lugar que reuni diversos aspectos da cidade em um local, sendo ele materializado e representado no e pelo espaço. Desta maneira, a centralidade que o centro de São Paulo tem na região metropolitana é algo incontestável hoje e também durante o processo de formação da metrópole, tendo em vista que ela esta sempre em relação com outros lugares. Como somente podemos compreender a produção e a reprodução do espaço em movimentos, assim como as práticas sócio-espaciais nelas vividas, esta centralidade passou por transformações importantes ao decorrer do tempo, notadamente com o processo de industrialização da cidade como fio indutor expressivo, ainda mais atrelado aos discursos envolvidos nas ideias de modernização da cidade, acarretando a sua urbanização, o produto induzido.

No contexto da passagem de monarquia para república a cidade passa por suas primeiras transformações marcantes atreladas, principalmente, a industrialização-urbanização da mesma. Segundo Buitoni (2009) os fatores ligados à Lei de Terras de 1850, a abolição da escravidão com a Lei Áurea em 1888, o incentivo estatal à imigração européia no ínterim entre os finais do século XIX e início do XX, o crescimento populacional decorrente dos movimentos migratórios externos e internos e os avanços das técnicas e das tecnologias que permitiram modificam a estrutura urbana da cidade tiveram forte influência ao redefinir a morfologia urbana do centro da cidade de São Paulo.

O centro se resumia, naquele momento, aos arredores do que é conhecido na literatura como o triângulo histórico, o que corresponde a confluência das Ruas XV de Novembro, Direita e da Boa vista que interliga os largos do Carmo¹⁸, São Bento e São Francisco, como apontam Frúgoli Jr. (1995 e 2006) e Scarlato (2004). Desta forma, o referencial do que era cidade para boa parte da população (como as pessoas tinham como ideia até há pouco tempo) estava justamente atrelado a este espaço contínuo nas cercanias do triângulo histórico, que se desenvolveu a partir do local da fundação da cidade pela Companhia dos Jesuítas, o *pateo do collégio*, pois reunia as características da representação do espaço urbano de uma cidade.

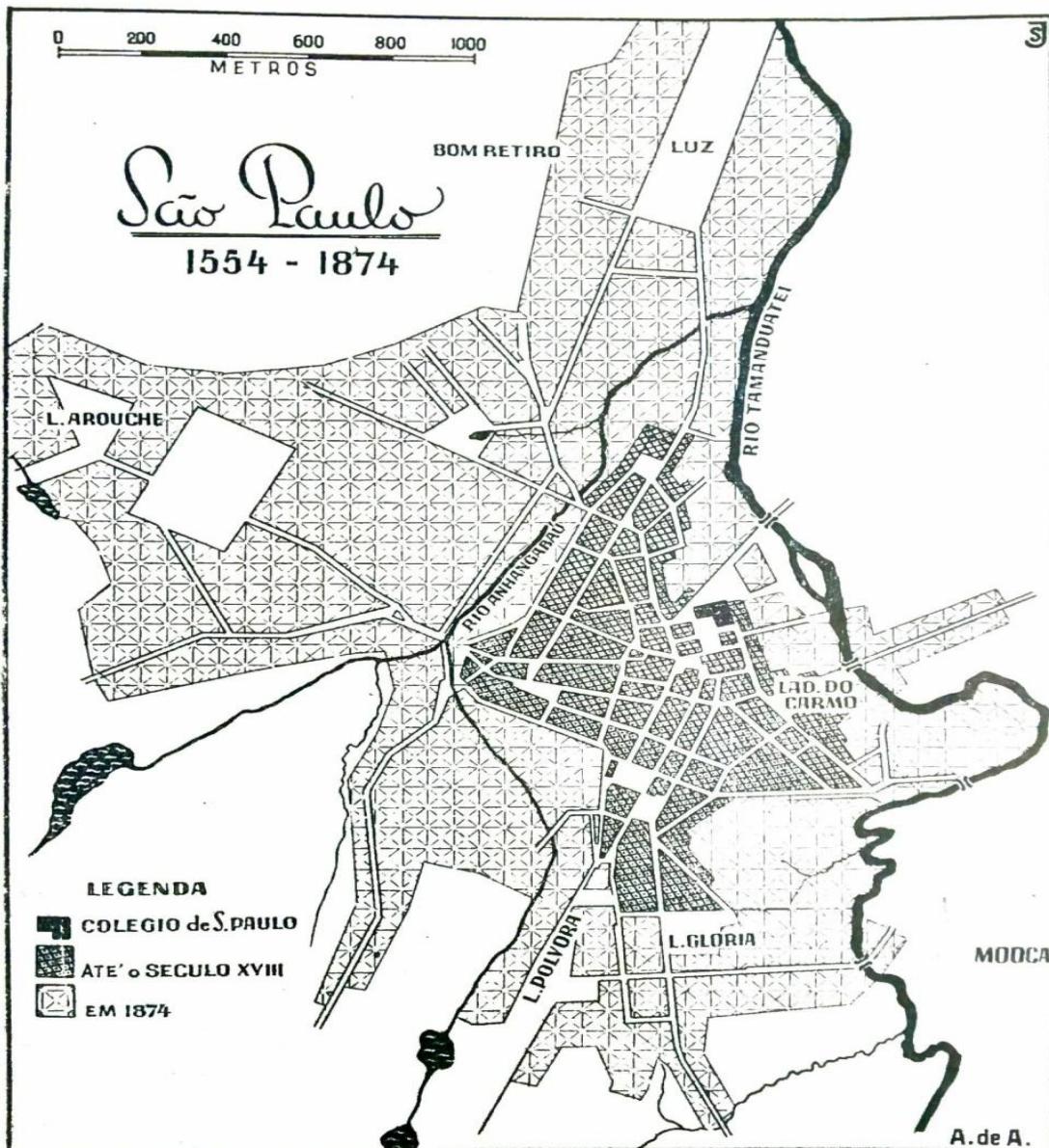
¹⁸ Atualmente corresponde a área do entorno do poupa-tempo da Sé e da igreja do Carmo.

No entanto, os limites físicos do sítio em que se constituía o núcleo central, portanto, o que já era a centralidade da época, teve amplo impacto na formação da concentração urbana e na representação simbólica da cidade.

A colina entre os rios Anhangabaú e o Tamanduateí é o sítio mencionado, que permaneceu quase que imutável entre os períodos colonial e imperial do país, foi um grande empecilho para a expansão de São Paulo além do núcleo central, tanto em vista as técnicas e tecnologias que se detinha para época. Aroldo de Azevedo, um dos percussores da Geografia brasileira, diz que:

São Paulo surgiu, por conseguinte, em um sítio ingrato onde uma série de fatores naturais, todos importantes, pareciam indicar que jamais um grande centro urbano poderia nele sobreviver e expandir-se. Assim aconteceu, realmente, durante três séculos. Mas os últimos cem anos, ou, para sermos mais exatos, os últimos 50 anos assistiram a uma admirável expansão da cidade, colocando-a, sem favor, entre os mais expressivos exemplos das metrópoles tentaculares do nosso século. (1945, p. 19)

Ao se observar a expansão da cidade para além dos limites físicos do sítio referido acima, o papel que as obras públicas de estruturação urbana e mesmo a propriedade privada do solo tiveram singular importância, pois além de formar alguns bairros circunscritos ao centro e ligá-los ao núcleo urbano central também passou a definir quem poderia deter a propriedade e residir nestes novos lugares. A formação de alguns desses bairros mais elitizados, como foram na época os Campos Elíseos, Vila Buarque, Santa Cecília, Santa Ifigênia, Higienópolis (que até hoje se mantém como tal), que eram todos incluídos no mercado de terras que se formou a partir dos loteamentos das antigas chácaras, são aspectos espaciais desse movimento da cidade, sendo essenciais as obras públicas para tal expansão urbana como os viadutos do Chá e Santa Ifigênia.



TRÊS SÉCULOS DE CRESCIMENTO

Figura 1: Três séculos de crescimento elaborado por Aroldo de Azevedo em 1945.

Entretanto, o caráter modernizante desses bairros de elite se distinguiam de outros que também se formavam no mesmo período, e que de certa forma foram integrados ao núcleo central com as mesmas obras públicas, como os bairros industriais e de moradia das famílias operárias da Barra funda, Bom Retiro a oeste, os do Brás, Mooca e Pari a leste e aos da Liberdade e Vila Mariana ao sul, de Santana ao norte, tanto nas referências arquitetônicas influenciado pela burguesia da Europa quanto do papel exercido pelo poder público, fortemente ligado aquela elite e aos loteadores. Foi um momento em que se articulam os interesses de classes detentoras de capitais de origem diversa, como os da aristocracia cafeeira

com os da burguesia urbana que se desenvolvia, impondo a lógica da propriedade privada dosolo urbano, advinda, sobretudo, com o aval jurídico que a lei de terras propiciava.

O discurso higienista e sanitarista nesse processo foi muito presente e intenso o que possibilitou a propagação dos novos loteamentos, atraindo para eles a classe dominante que podia pagar pelo lote naqueles locais de elite acima referido. O argumento centrava que os aumentos significativos populacionais, sejam eles de imigrantes europeus ou pessoas negras ex-escravizadas que chegavam na cidade, faziam dos locais próximos às várzeas dos rios que circundavam o triângulo histórico, áreas propícias para doenças e para epidemias, portanto, não habitáveis pela elite paulistana. Assim, a propriedade privada da terra se transformava também em uma questão de moradia, pois negava para aqueles mais pobres o acesso, como acontece até os dias atuais.

O episódio notadamente aponta as expressões da elite paulistana frente a população mais pobre que se estabelecia na cidade naquele período, onde o sentido é de se diferenciar da mesma, no intuito de aproximação com os referência estéticos europeus. De toda forma, há também que se lembrar que este movimento incidiu fortemente na parcela da elite mais antiga da cidade que residia próximo ao triangulo histórico, como é exemplo a Rua Florêncio de Abreu, fazendo com que estas deixassem suas casas, geralmente com mais de um pavimento, para morar nos novos bairros com ares moderno europeu, tornando suas antigas moradas em cortiços, comércios ou demolidas para construção de algum novo empreendimento comercial, mas sempre com viés mais popular (DEAECTO, 2008)¹⁹.

Desses fatos decorrem três consequências marcantes para a expansão urbana da cidade no período mencionado: 1) o centro histórico passa ser mais ocupado pelas classes mais populares tendo em vista os locais de moradia, como cortiços, e o comércio popular que passaram a ser majoritários; 2) os limites físico já não eram mais uma questão impeditiva para o crescimento da cidade, vide os avanços tecnológicos e técnicos da época que permitiram que os mesmos sofressem intervenções estatais, sempre em ligação com a valorização dos loteamentos e com o argumento da modernidade²⁰; e 3) a expansão da cidade por meio das

¹⁹ DEAECTO, Marisa Midori. **A Rua Florêncio de Abreu -Espaço e Historia.** In:DEAECTO, M. M; SECCO, L. [et a.]: São Paulo Espaço e História. São Paulo:LCTE Editora, 2008.

²⁰A titulo de menção vale observar que a própria toponímia revela esse processo. Nos Campos Elíseos, por exemplo, o nome de dois famosos loteadores são referencias daquele bairro até os dias atuais: as Alameda Nothmann e Glete. Além desses, os nomes de importantes barões do café , que adquiriram grandes casas no bairro, os Barão de Campinas e Limeira, são também referencias, entre o vale do Anhangabaú e o Campos Elíseos. Ainda vale ressaltar que o bairro de Higienópolis, loteado pelo engenheiro Nothmann, carrega em seu

obras públicas de estruturação urbana, sejam pelos viaduto do chá e Santa Ifigênia ou mesmo aberturas de vias de acesso ao centro, faz com que se desenvolvessem novos lugares, como aqueles bairros de elite e de consumo da elite para além do núcleo central, assim como os bairros populares.

A canalização de córregos, trechos de rios e outras obras de saneamento preocupavam os governantes, bem como a pavimentação e engenharia necessários para a transposição do vale do Anhangabaú e a expansão da cidade para além dos limites da colina histórica. (...) E, nesse sentido, desde 1892, a inauguração do viaduto do Chá, uma nova territorialidade formada pela Rua Barão de Itapetininga, praça da República [antigo largo Curros] e proximidades, que constituía área de interesse das elites. (BUITONI, 2009, p. 128-129)

Em termos gerais esse movimento da expansão da cidade revela-nos processos em torno das mudanças estruturais da sociedade brasileira frente ao capitalismo industrial que aqui adentrava, onde os capitais começaram a deixar de ser investidos nas propriedades rurais e na mão de obra escravizada, substituída pela mão de obra imigrante europeia, e passaram para propriedade do solo urbano e para a produção industrial, o que não imobilizava o capital, e isto transformou o papel da cidade na economia do país e a própria cidade, como aponta Buitoni (2009). Não menos importantes do que os capitais nacionais advindos da produção cafeeira são os capitais estrangeiros que possibilitaram as construções das ferrovias para escoamento do café do interior do estado para o porto de Santos e, em menor escala, ao transporte de passageiros, como também as eletrificação da cidade, sendo exemplo destes a *Light and Power Company*, ou popularmente conhecida, a light.

A terra já vinha substituindo o escravo [sic] na composição da riqueza, pois a sua posse, comprovada juridicamente, servia de aval para hipotecas e, na busca de financiamentos, negociantes e fazendeiros recorreram a capitais estrangeiros, em vistas das limitações dos recursos internos, para a fundação de empresas comerciais e industriais. (2009, p. 121)

Esse processo do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX tem no argumento da necessidade de modernização da cidade forte apoio ideológico tanto da aristocracia do café que passara a residir na cidade quanto da burguesia urbana que se

nome o sentido pretendido de afastar cada vez mais das várzeas e da pobreza da cidade, como sendo um lugar limpo, belo, saudável e de morada da alta burguesia da época.

formava, muito em razão da importância política, econômica e social que São Paulo adquiria neste primeiro momento da república. Cabe ainda ressaltar sobre este aspecto os sentidos das mudanças operadas pelo prefeito Antonio Prado na primeira década de 1900, como vem apontando o estudo de conclusão de curso de Amanda Lima Moraes sobre a Igreja do Rosário dos Homens Pretos que se localizava na confluência das ruas XV de novembro com a rua São Bento, onde era o Largo do Rosário e atualmente é Praça Antonio Prado.

O momento em que a indústria e principalmente o processo de industrialização começaram a ganhar mais importância no país corresponde ao período de transição da base econômica e política brasileira, oriundo dos aspectos decorrentes da crise de 1929, sendo marcante a década de 1930 com a política econômica Varguista, sobretudo sob o imperativo da política econômica de substituições de importações, como analisa Oliveira (2013) no decorre do processo da expansão do capitalismo no Brasil e suas "*especificidades particulares*"²¹. E é este momento que modifica, de certa forma, as bases da expansão da cidade de São Paulo.

O processo de transformação da cidade por meio da aumento quantitativo das indústrias através desse novo cenário político e econômico do país ganham as margens das linhas férreas e dos cursos d'água, acarretando também a expansão da mancha urbana, o que pode ser compreendido como de intensificação da urbanização da cidade. Não podemos esquecer que é justamente aqui que cidades do conhecido ABCD paulista começaram a receber grande parques industriais, e consequentemente, mais importância econômica na e para a região, atraindo para a cidade migrantes de outras regiões do país.

Deste momento, o mais importante é nos retermos ao fato da centralidade do centro se manter como prioritário da cidade, pois boa parte do setor secundário e terciário se congregavam ainda naquele local, dando a característica ao lugar. Não somente os ramos ligados direta ou indiretamente a produção fabril ali se encontravam, como os bancos, escritórios, setores do aparelho estatal, etc., mas também a vida dita cultural da cidade, como os cinemas, cafés, bares, restaurantes, livrarias, museus, faculdade, escolas, templos religiosos, etc., o que atraia a população de diversas classes e posições sociais ao centro. Esse fatos se

²¹ "Nessas circunstâncias, a expansão do capitalismo no Brasil reposará, essencialmente, na dialética interna das forças sociais em pugna; serão as possibilidade de mudança no modo de acumulação, na estrutura do poder e no estilo de dominação, as determinantes do processo. No limite, a possibilidade significará estagnação e reversão à economia primário-exportadora. Entre essas duas tensões, emerge a revolução burguesa no Brasil. O populismo será sua forma política, e essa é uma das especificidades particulares da expansão do sistema" (Oliveira, 2013, p. 63).

ligam naquilo que acima expomos sobre a centralidade enquanto lugar da reunião, do encontro, de atração, onde a cidade, ou melhor, seu centro, torna-se uma referência para além da localização, mas também para o que ele representa para a sua população. As práticas sócio-espaciais que aconteciam no centro exponham a vida urbana e cotidiana que constituía São Paulo, como podemos ver nos trabalhos já mencionado acima de Frugoli Jr (1995) e Scarlato (2004).

A metropolização da cidade é um processo mais recente, tendo como referência as décadas seguintes a de 1940 e 1950, como nos diz Seabra (2004). Entretanto, segundo Frúgoli Jr. (2006) esse processo tem seus indícios já na década de 1930, pois o plano de avenidas executado na gestão do prefeito Prestes Mais (1938-1945), que irradiava o crescimento da cidade a partir do centro, consistiu em aspectos que são basilares para a efetivação da metrópole.

O argumento de ineficiência do sistema viário no intuito de maior eficiência da circulação e transportes de mercadorias, incluindo as pessoas, se conjugava com o de novo embelezamento da cidade, assim como o de novas formas de zoneamento e formas de uso do solo urbano (FRÚGOLI JR. 2006, p. 53), portanto, mais uma nova ação modernizadora da cidade. Neste sentido, os aspectos que sustentavam o plano de avenidas reconfiguraram, de certa forma, as mesmas intenções daquela aristocracia cafeeira que viera para a São Paulo, somando a estas as questões que mais envolvidas com o novo momento da cidade, principalmente pela já estabelecida burguesia industrial. Isso novamente recolocava a ideia de modernização da cidade.

Esse momento também aponta para aquilo que se tornaria, poucos anos a frente, uma regra das cidades brasileiras: o uso do transporte automotor e individual. Claramente, o contexto político e econômico do país influenciava o conjunto das ações tomadas pela municipalidade, onde a burguesia industrial detinha de maior respaldo. O fato da substituição dos bondes elétricos pelos ônibus urbanos, automotor de combustão, demonstra o papel articulado entre os interesses da municipalidade e da burguesia industrial, tendo em vista que isto geraria uma economia de energia elétrica por parte dos bondes podendo ser empregado nas indústrias. Mesmo os itinerários do transporte público buscava atender os trajetos que perpassam as fábricas, como aponta Buitoni (2009):

As transformações sócio-espaciais continuavam em processo, já que a expansão urbana não ocorreu de forma homogênea nos quadrantes da

cidade. O numero de bondes elétricos decresceu para atender prioritariamente a industria, detentora do maior consumo de eletricidade, e, com os primeiros serviços de ônibus na capital (1924), iniciava-se um intenso processo de urbanização(...). (p. 132).

Desta forma, ao plano de avenidas coube, portanto, fazer com que vias de circulação de maior capacidade de fluxo unissem áreas mais distantes ao centro, valorizando-as, a partir da avaliação de Libâneo (apud Frûgoli Jr., 2006), além da criação de um novo centro para resolver as questões relativas ao trânsito de automotores do centro histórico, incorporando a este também as ruas adjacentes a Rua Barão de Itapetininga, avenida São João e Ipiranga, o centro novo. Nestes termos e em torno de embelezamento e arruamento da cidade na perspectiva da cidade moderna européia, as intervenções em vários logradouros ou mesmo criações, como as avenidas São João, Consolação, Nove de Julho, Liberdade, Rangel Pestana, do Estado e Rio Branco e também o Parque do Anhangabaú e a Praça João Mendes são exemplos desse processo que buscava resolver o déficit no sistema viário impulsionando o uso de veículos automotores.

Nessas linhas gerais que Frûgoli Jr. e Seabra apontaram em seus estudos os aspectos dos indícios da formação de metrópole. O processo de urbanização começou ganhar a feição de um processo de metropolização, e com contornos um pouco diversificados daquele, mantendo ainda os loteamentos e as ações do poder público como sendo fatores articulados para a expansão urbana da magnitude que São Paulo teve. É importante frisar que os subúrbios (como Pinheiros, Santo Amaro, Penha, São Miguel Paulista, Santana, Lapa) já existiam, fazendo que os loteamentos buscassem assim esses espaços vazios entre a "cidade" e esses lugares. Cabe dizer que os bairros Jardins são produtos do processo de nova modernização da cidade em relação aos loteamentos para as classes dominantes, agora influenciados pela perspectiva urbanística anglo-saxã.

'O principal objetivo é o de indicar que o processo de formação da metrópole é também um processo de produção do espaço, de produção política e de produção cultural, que culmina na urbanização da sociedade(...)' (SEABRA, p. 420).

Até da década de 1960, o centro ainda se mantinha como a centralidade mais importante da cidade, mas já com a incorporação do além do vale do Anhangabaú, o Centro

Novo. A dinâmica de comércios populares, sede de bancos, de órgãos públicos, etc. se unia com as muitas empresas de porte menor nas cercanias do Teatro Municipal.

Até os anos 1960, São Paulo contaria efetivamente com um único centro metropolitano, dividido então entre o 'Centro Tradicional' (da praça da Sé à praça do Patriarca, com eixo na Rua Direita) e o 'Centro Novo' (da praça Ramos de Azevedo à praça da República, com eixo na Rua Barão de Itapetininga e Avenida Ipiranga), com maior concentração de empresas neste último. Ambas as áreas corresponderiam, respectivamente, ao desenvolvimento paulistano durante a primeira fase de industrialização, no período de 1910-1940, e à fase da industrialização da Segunda Guerra, em 1940-1960. Só durante o chamado "milagre brasileiro" (1968-1973) teria início a formação de um novo e poderoso sub-centro, ou melhor centralidade, em torno da Avenida Paulista. (FRÚGOLI JR. 2006, p. 58)

O centro de São Paulo começa a perder parte das atividades que o constituía como centralidade mais importante quando das mudanças ocorridas na avenida Paulista, em meados do anos 1960. Com a mudança em certos aspectos da organização empresarial do período entre os anos 1960 e 1980, com a reestruturação do capitalismo para a acumulação flexível em detrimento do fordismo, considerou-se a estrutura urbana do Centro como obsoleta para receber essa "nova filosofia" de ordenamento espacial para as empresas, sobretudo os seus prédios mais antigos. É nesse contexto que grandes edifícios são construídos na avenida Paulista, onde anteriormente se instalaram os palacetes de famílias já tradicionais da cidade, como a dos Matarazzo. O uso desses novos edifícios será feito, principalmente, por sedes de grandes empresas nacionais e internacionais, assim como de bancos públicos e privados, o que retira do Centro uma significativa parcela de pessoas que lá circulavam.

Para Scarlato (2004), a realização do capital imobiliário se fez prevalecer juntamente com as novas formas de vida urbana em detrimento da história, da memória e das práticas sócio-espaciais do centro, sobretudo com o uso dos automóveis e a lógica dos supermercados e *shoppings centers*. Também o mesmo chama-nos a atenção aos aspectos arquitetônicos dessa mudanças.

A modernidade tinha que se revelar não somente por sua organização e novas engenharias de poder de decisão, como também pela visibilidade plástica de seus grandes e geométricos edifícios. O novo capitalismo precisava também construir uma nova imagem urbana. Assim, o novo espírito modernizador foi realizando a metamorfose de transformar o antigo em 'velho'. Isso ocorreu com os antigos edifícios do Centro, menos pela inadequação dos seus espaços para se enquadrar às novas formas de organização e mudanças nos fluxos de

serviços e linhas de comando, e mais em razão de outros fatores relacionados ao sistema de circulação viária, e pela ação do capitalismo imobiliário na construção do Novo Centro da região da Avenida Paulista. Era mais lucrativo construir o novo do que reciclar o antigo ou o 'velho' (SCARLATO, 2004, p. 260).

Esse mesmo movimento da cidade se desdobra para o sentido das Avenidas Berrini-Faria Lima posteriormente, mas com velocidade mais acelerada do que ocorreu com o centro, formando assim uma terceira centralidade.

A formação da extensas periferias da metrópole é identificada juntamente com os indícios do processo da metropolização. Para Seabra (2004) é na década de 1940 que começaram a serem vistas na paisagem urbana as edificações características da periferia, uma mescla de casa de alvenaria incompleta e barracos de madeira²². E isso se dá, principalmente pelo aumento do fluxo populacional para São Paulo, constituído por dezenas de milhares de migrantes vindos de várias regiões do Brasil, sobretudo do nordeste, sempre atraídos pelo emprego, seja na indústria ou mesmo na construção civil, especialmente em obras do sistema viário como as da construção do Metrô. A instalação dessas pessoas em muitos lotes irregulares se explica pela falta de dinheiro para compra de um lote regular em locais mais próximos do centro, sendo que a construção de suas moradias se fazia também em mutirões. Esse movimento de compra de um lote irregular e de construção da casa pelas pessoas que neles morariam ficou conhecido como de autoconstrução. Podemos pensar as áreas dos extremos da cidade, como das zonas Sul e Leste como exemplares de tal processo. Cabe lembrar que a efetivação do argumento que vem aqui sendo traçado, considera as obras públicas essenciais para a constituição desta mega metrópole e suas práticas sócio-espaciais, sendo o metrô os trens uma importante referência.

Lotes urbanos irregulares e autoconstrução marcam a paisagem urbana e configuraram o crescimento de São Paulo em direção à zona leste até 1970, quando se consumou a ocupação daquela região. Por essa época o metrô chegou em Itaquera e foram construídos os conjuntos habitacionais da Cohab. A chegada do metrô permitiu estender ainda mais a periferia urbana, com irradiação de linhas de ônibus a uma maior distância. (SEABRA, 2004, p.298)

²² A escritora Carolina Maria de Jesus, em seu livro *Quarto de Despejo*, narra e registra o seu cotidiano na condição de moradora da favela do Canindé, que se localizava próxima ao Rio Tietê, e de catadora de papel, na forma de um diário. O livro é riquíssimo para se observar o processo a que nós nos referimos, pois o mesmo, publicado em meados de 1960, foi escrito a partir de 1955.

Podemos dizer, em resumo, que este movimento da cidade, exposto de forma bem genérica, é o que caracteriza a implosão-explosão da mesma, sendo estaproduto direto do processo de industrialização-urbanização-metropolização, como já apontado em Seabra (2009). Ademais, o aumento populacional observado nesse momento e oriundo de tal processo é marcante, dando continuidade àquilo que já vinha acontecendo desde o início da República, isto é, São Paulo como uma cidade que atraiu para si por meio das indústrias e do processo de industrialização uma das mais expressivas reunião de pessoas num mesmo território. Ora, estamos falando de uma cidade que passou de cerca de 30 mil habitantes no primeiro censo realizado para um pouco mais de 12 milhões de pessoas, contando somente as residentes no município, pois, quando considerada toda a região metropolitana, falamos de cerca de 21 milhões de pessoas. E é nesse cenário crítico de urbanização que a metrópole continua a possibilitar diversas práticas sócio-espaciais, sejam aquelas das pessoas com mais poder aquisitivo que optam por viverem em condomínios fechados nas franjas da metrópole, ou mesmo em prédios de alto e médio padrão no interior da extensa mancha urbana, ou seja aquela imensa maioria de pessoas que vivencia a cidade pelos intermináveis deslocamentos nos caríssimos transportes públicos para ir e voltar de seus trabalhos, saindo e chegando de suas moradias modestas e precárias. Como diria os Racionais MC's: "*com raiva por dentro a caminho do centro.*"

-A Especificidade Da Prática De Catação Em Relação À Dinâmica Atual Do Centro.

Atualmente o centro ainda desempenha boa parte das funções da metrópole, porém não exerce mais a mesma centralidade que teve anteriormente. Isso se dá também como produto das transformações espaciais que ocorreram na metrópole em ligação direta com o interesse da produção e reprodução do capital, como apontado.

Essas mudanças também acarretaram formas distintas para o uso do centro (ALVES, 2010). Com o deslocamento de parte dos serviços para o sudoeste da cidade, ou seja, no sentido da "região" da avenida Paulista, em um primeiro momento, e depois para a "região" das Avenidas Berrini-Faria Lima, o centro se tornou lugar de diversos serviços que não estão entre os mais integrados àqueles que se estabeleceram nas novas centralidades com os

imperativos das cidades-globais²³, como os que se destacam pelo uso de tecnologia avançada e aparatos técnicos de última geração, como são, por exemplo, os prédios inteligentes (SEABRA, 2009). Desta maneira, o comércio popular de roupas, eletroeletrônico, utensílios domésticos, etc. são algumas das suas principais atividades. Conjuntamente a estas estão os serviços ligados ao aparelho burocrático de Estado, como tribunais, secretarias municipais e estaduais da administração pública, etc., que trazem também outros serviços a eles ligados, como cartórios, escritórios de advocacia, etc., e estão presentes na dinâmica do Centro. Além desses, o Centro ainda reúne boa parte dos equipamentos culturais da cidade, tais como museus, centros culturais, teatros, bibliotecas, etc. utilizados por pessoas de toda a cidade, principalmente as mais jovens.

Os usos do espaço e usos do tempo no Centro são bem diversificados. De forma sucinta, os espaços públicos do Centro são locais de intenso trânsito de automóveis e de pessoas que, como vimos na descrição acima, vão-e-vêm entre prédios, galerias, estações de metrô, terminais e pontos de ônibus à busca de sua tarefa diária, seja ligadas aos postos de trabalho, sejam ligadas a compras ou ao lazer. O uso do tempo nesses aspectos é dimensionado pelo horário de funcionamento das instituições estatais, como as diversas repartições públicas, os escritórios, os comércios, os locais de lazer, entre outros. Apesar do fluxo ser mais intenso no horário comercial, a vida noturna do Centro também é intensa: com os bares que se espalham pelas ruas-calçadões, ocupando o lugar ondeantes estavam os ambulantes, como a Rua Barão e Xavier de Toledo; com os restaurantes populares e luxuosos, com o do terraço Itália; com as atividades nas galerias, biblioteca Mário de Andrade, na Praça das Artes, etc. Podemos ver com isso que as formas de uso do espaço são resignificadas na medida em que o dia avança, ou seja, ocorrem mudanças nos usos com o passar do tempo.

²³ Seabra (2004) define cidades-globais como aquelas que são elos "de articulação, em um espaço estratégico para a crescente internacionalização dos fluxos de bens, serviços e informações nos circuitos internacionais. Processo que dá origem a uma rede mundial de metrópoles onde são geradas e por onde transitam decisões financeiras, mercadológicas, tecnológicas, capazes definir e redefinir estratégias. São as cidades globais" (p. 276)



Foto 4: Pessoas caminhando na Rua Barão no final da tarde e início da noite. Ao fundo a Praça da República. Autor: Renato Ribeiro (06/10/2016).

Em relação às pessoas que trabalham com a catação, os usos do espaço e o uso do tempo são evidências de um ritmo diário e da vida cotidiana da cidade, para eles, o Centro se mostra como um lugar privilegiado, se comparado com outros lugares da cidade. É preciso considerar as estratégias de reprodução social do segmento de catadores para compreender suas formas de uso do espaço e do tempo. De acordo com os trabalhos de campo realizados, a bibliografia e produções audiovisuais consultadas, um catador que trabalha em qualquer bairro da cidade terá seus materiais catados relacionados com os tipos de uso do espaço feitos naqueles lugares. Por exemplo, a pessoa que trabalha em um local de predominância de residências catará os resíduos atrelados ao modo de vida da população que ali reside, pois, uma coisa é o trabalho de cata em um bairro mais pobre, onde a predominância de restos de alimentos e plásticos é muito maior e outra coisa é catar em um bairro de classe média, onde aqueles resíduos também estão presentes, mas em quantidade e em qualidade será ainda maior, o que acarreta consequências também na forma futura de negociação do catador no ferro-velho. Em comum a esses bairros e em divergência com o que se observa no centro, é a extensão do tempo em que se realiza o trabalho, tendo em vista que faz-se necessário um deslocamento de vários quilômetros para reunir uma quantidade expressiva de material que permita um ganho mínimo diário.

Quem cata de forma itinerante em diversos bairros tem que estar sempre atento aos horários de passagem do serviço de limpeza municipal para poder se adiantar a este, levando em consideração que os moradores têm a prática de somente depositarem os seus resíduos nos pontos de coleta – localizados geralmente nas lixeiras ou calçadas em frente as casas -, em horário próximo ao da passagem do caminhão da coleta. Sem entrar em maiores detalhes, isto difere muito se comparamos os bairros de predominância de casas térreas e de população pobre com aqueles de casas térreas de população de classe média, tendo em vista que o serviço de limpeza urbana nestes últimos bairros disponibiliza, em muitos casos, uma espécie de caçamba fechada para o depósito do resíduos ou mesmo ocorre a ação regular de cooperativas ligadas ao serviço de coleta seletiva da cidade. Os bairros mais verticalizados também diferem, pois muitos prédios possuem áreas internas destinadas ao depósito dos resíduos, onde o serviço de limpeza tem acesso e os catadores não, a não ser que se tenha algum acordo entre este e a administração predial, como às vezes também se tem, entre os lixeiros e os catadores, onde aqueles separam algum material para os catadores.

Sobre o que foi dito acima, os trabalhos de Burgos (2008) e de Silva (2011) dão uma dimensão mais completa da complexidade entre os usos dos espaços e do tempo para a atividade de catação, incluindo áíos interstícios entre um aparato institucional imenso da indústria da reciclagem juntamente com as formas de reprodução social de catadores em São Paulo e no ABC paulista, respectivamente.

No entanto, aqui nos interessa apontar que é a centralidade do Centro juntamente com a gama de atividades que ali são realizadas todos os dias da semana que propicia condições favoráveis para a realização da atividade de catar material passível de reciclagem, pois geram toneladas de resíduos sólidos. Ademais, e também por isso, é que em muitos bairros empobrecidos, como o de Santa Ifigênia, Campos Elíseos, Liberdade, entre outros do entorno do Centro, que se concentram diversos ferros-velho.

E é neste contexto que a dinâmica própria da Rua Barão de Itapetininga dentro da centralidade do Centro apareceu-nos como uma dimensão escalar importante para o nosso estudo. A Rua Barão de Itapetinga tem sua dinâmica própria dentro da centralidade que é o centro de São Paulo. Esta foi formada no momento em que a cidade conseguia ultrapassar os limites físicos do vale do Anhangabaú, no sentido da praça de Sé para a praça da República, ligando os bairros do entorno desta última praça ao centro antigo. Este fato permite-nos explicar as mudanças que ocorreram ao longo do tempo na Rua Barão de Itapetininga, de local de criação de animais para o de moradia e depois para um local de várias atividades

econômicas como é atualmente, onde predomina um diversificado comércio popular (alimentício, de vestuário, perfumarias etc.) e um amplo setor de serviços, que vai desde pequenos ateliês e escritórios especializados até a agências de emprego de diversos portes, fazendo uso de espaços de prédios e galerias de arquitetura mais antiga, principalmente do primeiro quartel do século XX.

Ao passo que, com a estrutura viária que o viaduto do chá permitiu desenvolver após sua construção, a dinâmica cotidiana da Rua Barão passou por transformações significativas, sendo que a principal é a de deixar de ser um lugar majoritariamente de residências para se tornar um lugar de atividades comerciais e culturais. Na passagem do século XIX para o século XX era composta de residências de características semelhantes às dos bairros de Higienópolis, Santa Cecília, Campos Elíseos, Santa Ifigênia, por exemplo, como majoritariamente das classes altas e da elite cafeeira. Contudo, no momento da finalização da obra viária e com o decorrer de todo o século XX, a vida cotidiana do local passa a ser principalmente ligada às atividades de trabalho e de passagem, sendo que o comércio de luxo e o setor de serviços ligado ao modo de vida das classes altas alocados nos prédios e nas galerias que vieram a substituir a paisagem urbana da rua de casebres e palacetes, são substituídos pelo comércio popular e pelos serviços que atendem às novas funções urbanas do centro, principalmente no momento de passagem de funções para as novas centralidades da cidade, como a Avenida Paulista e as regiões da Berrini-Faria Lima.

Neste contexto é que a rua Barão de Itapetinga se transformou em lugar também de atividade de catação, principalmente de papel e papelão, pois com os serviços e o comércio popular sendo as principais atividades econômicas que são realizadas ali, o número de materiais descartados é enorme. Vamos exemplificar.

No contexto em que boa parte do comércio presente é popular, seja de roupas, utensílios domésticos, perfumarias, papelarias, lanchonetes etc., e em que se encontram muitos escritórios, sejam de advocacia, de agências de emprego, de escola de especialização, etc., observa-se um volumoso descarte de papéis por essas atividades. Em relação ao comércio, estes resultam da retirada dos produtos das caixas e embalagens usadas para o transporte da mercadoria, vinda muitas vezes de outros países, como a China. Estas caixas de papelão precisam ser descartadas, mas isso não pode ser feito por meio da limpeza pública, pois há um limite de gratuidade pelo serviço, o que faz com que sejam descartadas na calçada, sabendo que algum catador irá pegá-las, remediando o problema da possibilidade de multa ao estabelecimento. Nesse mesmo sentido, mas com outra dinâmica, ocorre também com os

escritórios, que consomem, majoritariamente, os papeis do tipo sulfite, de alto valor no comércio de recicláveis. Pegando o exemplo de agências de emprego, é sintomático o quanto revela sobre a catação e a dinâmica da metrópole. Como apontamos em capítulo anterior, muitos senhores recolhem os currículos de desempregados de muitas partes da metrópole e depois entregam-nos nas agências para as quais prestam serviço. Nelas se faz a triagem desses currículos de acordo com as preferências do contratante dos serviços de seleção e de acordo com as vagas disponíveis, o que faz que os currículos descartados sejam literalmente jogados no lixo após o dia de trabalho, pois não se tem estrutura física para o arquivamento destes, tanto pelo volume quanto por suas limitações físicas, que estão relacionadas ao que atrai estas atividades para o Centro, como o preço mais baixo dos alugueis, em comparação com as outras duas centralidades. Juntam-se a isso os papeis das outras tantas empresas existentes nos prédios dispersos pela ruas que no final do dia de expediente, por volta das cinco e das sete da noite, depositam inúmeros sacos de lixo nas suas portas. É aqui que catadores como o Sr. Ângelo entram em ação.

Falamos no plural, pois, com a dinâmica da magnitude da rua Barão somente um catador não realizaria o trabalho de recolhimento deste material. Os catadores, como aponta o trabalho de Legaspe (1996) e Burgos (2008), têm dinâmicas distintas de trabalho, sendo possível identificar as variadas formas de trabalho, seja individualmente, como é o da maioria, seja coletivamente, por meio de associações e cooperativas de catadores. Ainda sobre o trabalho de Legaspe, o mesmo aponta para uma etnografia dos lugares centrais de catação no Centro de São Paulo, como o Brás, Bom Retiro, Rua 25 de Marco, Santa Ifigênia, etc. Não adentraremos nesses aspectos, mas o importante é atrelar as atividades realizadas em cada lugar com a dinâmica da atividade de catação. Além do mais, é isto que parece ser a fonte explicativa para muitos comerciantes de materiais recicláveis se concentrarem em áreas próximas.

Entretanto, no que se refere ao catador que tivemos mais proximidade dada a dificuldade de realizar entrevistas com outros, como explicamos quando falamos sobre os trabalhos de campo, é preciso que se tenha em mente o movimento dele dentro da constituição de um cenário de valorização das causas ambientais, de reestruturação produtiva, de desemprego, de relações familiares e também da própria cidade. A grosso modo, é a partir da década de 1970 que os temas ambientais ganharam maior apelo na sociedade, em um mesmo contexto em que a reestruturação da produção substitui boa parte da mão de obra pelo emprego de equipamentos eletrônicos na linha de produção (automação industrial), gerando

uma gama de desempregados. O desemprego em muitos casos, sobretudo de pessoas menos escolarizadas, ocorre com a dificuldade de conseguir uma recolocação no mercado de trabalho formalizado, conseguindo-sesomente atividades esporádicas ou "informais" como forma de reproduzir-se socialmente, o que dentro de famílias mais pobres contribui para o aumento de tensões e conflitos internos. A partir destes conflitos, muitos rompem com as relações familiares e passam a viver nas e das ruas da cidade. Ao que cabe ao Sr. Ângelo, é neste contexto mais geral que o mesmo sai de um encarceramento juvenil para viver nas ruas da cidade, em primeiro, na praça da Sé, logradouro que atrai bastante pessoas em situação de rua, como aponta o Frûgoli Jr. (1995) e Vieira (1992).²⁴

²⁴ Este sendo o primeiro censo realizado das pessoas em situação de rua em São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições do filósofo Henri Lefebvre são ímpares para compreendermos a cotidianidade da sociedade urbana, que estabelece o cotidiano por meio dos imperativos da modernidade. No sentido mais amplo da sua proposta teórica, a produção do espaço evidencia o lugar, enquanto conceito, como construído por ações humanas ao longo da história, sendo que no momento crítico atual da sociedade passa-se de um estágiopredominantemente industrial para um urbano, onde modificam-se as práticas sócio-espaciais, que são transformadas para a reprodução das relações sociais de produção.

A violência do processo de urbanização que observamos em São Paulo é uma das bases que explica uma vivência regrada com essa finalidade, na qual milhares de pessoas vivem com o mínimo-do-mínimo para se reproduzirem socialmente na condição de pessoas que trabalham como catadores de material reciclável e vivem em situação de rua, onde tal modo de vida é possibilitado pela própria sociedade do consumo.

A cotidianidade que se instaura no capitalismo revela suas duas faces, como riqueza e como miséria. Podemos evidenciar as duas no caso do nosso mais importante colaborador da pesquisa, em que as condições materiais lhes são ausentes, mas a riqueza se manifesta em forma de sociabilidade e socialização, como, por exemplo, se pode observar nas relações que são/foram construídas nos anos de vivência na rua que, de certa maneira, permitiram-no sobreviver: seja com os comerciantes que contribuem para a manutenção de sua vida ao doarem materiais que poderiam ser mesmo descartados para o serviço de limpeza urbana, dado o volume pouco expressivo, ou mesmo na guarda em confiança do pouco dinheiro e dos remédios do Sr. Ângelo; seja no caso dos grupos de distribuição de alimentos para pessoas em situação de rualigados a entidades religiosas; seja nas formas inúmeras de doação por motivos variados e que se tornam recursos negociáveis e, por vezes, se tornam alimentos, etc. Em todos esses casos, a contradição não só é latente, como é mesmo a única explicação plausível, pois, ao mesmo tempo que a sociedade se vale da exploração do trabalho dos catadores em situação de rua também, em suas fissuras abriga manifestações de compaixão e cuidado para com quem está nessa condição. Para compreender o que aqui se nomeia como riqueza, é preciso buscar elementos para além das contradições e solidariedade de classe.

Podemos também concluir que, refletir sob o método regressivo-progressivo pode revelar ainda, por exemplo, a permanência de relações de dominação de um passado que

insiste em permanecer, pois é estruturalmente necessário ao capitalismo, como o racismo, tendo em vista que na paisagem das ruas do centro os corpos de pessoas negras são os predominantes em situação de rua, que não exploramos nesse trabalho, mas que a partir do trabalho de Vieira (1992) é possível refletir. Sobre isto é sintomático, como já relatava escritora Maria Carolina de Jesus(2010) e o trabalho da historiadora Maria Inez Pinto (apud Burgos, 2008), para dizer que muitos das pessoas recém libertas da escravidão viviam da catação de alimentos e de alguma sucata no entorno do mercado municipal central, como forma de sobrevivência. Assim, um dos caminhos para compreender a população em situação de rua dentro do contexto da sociedade urbana pode ser por meio da observação de continuidades históricas dentro da formação de uma problemática urbana que cada vez mais se intensifica, contradizendo o discurso que o progresso e o liberalismo,a grosso modo, melhorariam a condição de vida das pessoas.

Também podemos avançar mais, revelando como as cidades e o urbano se constituem atualmente por um vivido tão precário que contribui para a geração e sustentação de tanta riqueza. Enfim, revelar de acordo com os níveis e dimensões da análise toda uma articulação perversa, opressora, violenta, etc., que nega e retira vidas diariamente em nome de uma modernização, de uma margem de lucro, de uma mentira anunciada como bela e próspera que é a sociedade capitalista.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Glória Anunciação . **O uso do centro da cidade de São Paulo e sua possibilidade de apropriação.** São Paulo: FFLCH, 2010. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dg/gesp/baixar/Livro_gloria.pdf

AZEVEDO, Aroldo Edgard. **Subúrbios Orientais de São Paulo.** Tese de concurso à cadeira de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. São Paulo, 1945.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A reprodução da cidade como "negocio".** IN: CARLOS, A. F. A, CARRERAS, C. Urbanização e Mundialização: Estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 29-37.

_____. **A condição Espacial.** São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

_____. **A (Re)Produção Do Espaço Urbano.** São Paulo: Edusp, 2^a reimpressão, 2008.

COSTA, Daniel de Lucca Reis. **A rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua.** Dissertação de mestrado. Depto de Antropologia Social, FFLCH/USP, 2008.

_____. **Morte e vida nas ruas de São Paulo - A biopolítica vista do Centro.** Trabalho de Graduação Individual (TGI).Departamento de Geografia, FFLCH-USP, 2009.

CABANES, Robert; GEOGES, Isabel; RIZEK, Cibele; TALLES, Vera. **Saídas de Emergência: Ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

BURGOS, Rosalina. **Periferias urbanas da cidade de São Paulo: Territórios da base da indústria de reciclagem no urbano periférico.** Tese de doutorado. Depto. Geografia, FFLCH/USP, 2008.

DAMIANI, Amélia L. **O Lugar e a Produção do Cotidiano.** IN: CARLOS, A.F.A (ORG.) Novos Caminhos da Geografia. São Paulo, ed. Contexto, 6^a edição, 2012.

- _____. **Urbanização Critica e Situação Geográfica a partir da Metrópole de São Paulo.** IN: CARLOS, A.F.A E OLIVEIRA, A. U. (ORGs): *Geografias de São Paulo: representação e crise da metrópole*. São Paulo: contexto, 2004.
- CAMPOS, Andrelino. **Do Quilombo à Favela: a Produção do "Espaço Criminalizado" no Rio de Janeiro.** Ed. Bertrand Brasil, 2005.
- DEAECTO, Marisa Midori. **A Rua Florêncio de Abreu -Espaço e Historia.** In:DEAECTO, M. M; SECCO, L. [et a.]: *São Paulo Espaço e História*. São Paulo:LCTE Editora, 2008.
- DU BOIS, Willian Edward Burghardt. **Almas da gente negra.** Rio de Janeiro: Ed. Lacerda, 1999.
- FRÚGOLI, JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo. Trajetórias, conflitos e negociações na Metrópole.** São Paulo: EDUSP, 2006.
- _____. **São Paulo: Espaços Públicos e Interação Social.** São Paulo: Marco Zero, 1995.
- GATES JR. Henry Louis. **Os negros na América Latina.** São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretacão das culturas*. São Paulo: Editora LTC. 1989.
- GRIMBERG, Elisabeth. **Coleta Seletiva com inclusão social: Fórum Lixo e Cidadania na Cidade de São Paulo. Experiências e Desafios.** São Paulo: Instituto Pólis, 2007. (publicações Pólis, 49).
- GOLÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, amazônias.** São Paulo: Contexto, 3^aedição, 2015.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2005.
- _____. **Condição Pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 23^a edição, 2012 [1992].

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: o diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 9 edição, 2010.

LEGASPE, Luciano Rodrigues. **Reciclagem: a fantasia do eco-capitalismo: Um estudo sobre a reciclagem promovida no centro da cidade de São Paulo observando a economia informal e os catadores**. Mestrado. DG-FFLCH-USP, 1996.

LEFEBVRE, Henri. **Estrutura social: a reprodução das relações sociais**. In: Martins, J. S. e Foracchi, M. (orgs.), *Sociologia e sociedade*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1977. (p. 219-252).

_____. **De lo rural a lo urbano**. Barcelona: ediciones península, 4ª edição. 1978.

_____. **Perspectivas da sociologia rural**. IN: MARTINS, J. de Souza: *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: HUCITEC, 1981.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **A revolução urbana**. Belo horizonte: EDUFMG, 3ª reimpressão, 1999.

_____. **Psicologia das classes sociais**. Revista GEOUSP - Espaço e tempo, São Paulo, Nº 17, pp. 21-41, 2005.

_____. **Espaço e política**. Belo Horizonte: EDUFMG, 5ª edição -3ª reimpressão- 2011.

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 5ª edição -3ª reimpressão- 2011.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades: convenções com Jean Lebrun**. São Paulo: UNESP, 2ª edição, 2000.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. **Mercado de trabalho, ontem e hoje: informalidade e empregabilidade como categorias de entendimento**. IN: RAMALHO, J. Ricardo e SANTANA,

M. Aurélio. Além da Fábrica: Trabalhadores, sindicatos e a nova questão social. São Paulo: Boitempo editorial. 1^a edição, 2^a reimpressão, 2012 [2013].

MARTINS, Maria de Fátima Almeida. **A Caminho da Rua: O Encontro com as Redes de Assistência e a Formação de Laços Sociais Entre Moradores de Rua em Belo Horizonte.** Tese de doutorado. Depto de Geografia, FFLCH-USP, 2001.

MARTINS, José de Souza. **As temporalidades da história na dialética de Henri Lefebvre.** IN: MARTINS, J. de Souza: Henri Lefebvre e o retorno à dialética. São Paulo: HUCITEC, 1996.

MEDEIROS, Marta Inez Marques. **A atualidade do uso do conceito de camponês.** IN: Revista NERA Presidente Prudente Ano 11, nº. 12 pp. 57-67 Jan-jun./2008. Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/1399-4032-1-PB.pdf>

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A Geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro.** IN: CARLOS, A.F.A (ORG.). Novos Caminhos da Geografia. São Paulo, ed. Contexto, 6^a edição, 2012

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência.** São Paulo: Ed. Expressão Popular - Fundação Perseu Abramo, 2^a edição, 2015.

SANTOS, César Ricardo Simoni. **A metageografia e a ordem do tempo.** In: A crise urbana. CARLOS, A.F.A (org.). Ed. Contexto, 2015.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos Da Economia Urbana Dos Países Subdesenvolvidos.** São Paulo: EDUSP, 2^a edição, 2008.

SANTOS, Renato Emerson dos. **Questões Urbanas e racismo.** Petrópolis: Ed. DP et alli.2012. Disponível em: <http://www.abpn.org.br/novo/attachments/article/92/Quest%C3%B5es%20urbanas%20e%20racismo.pdf>

SAMPAIO, Alves Renata. **A violência do processo de urbanização.** In: A crise urbana. CARLOS, A.F.A (org.). Ed. Contexto, 2015.

SCARLATO, Francisco. **Busca do Centro - O Reencontro com a Cidade.** IN: CARLOS, A.F.A E OLIVEIRA, A. U. (ORGs): Geografias de São Paulo: representação e crise da metrópole. São Paulo: contexto, 2004.

SEABRA, Odette. **A insurreição do uso.** IN: MARTINS, J. SOUZA: Henri Lefebvre e o retorno à dialética. São Paulo: HUCITEC, 1996.

_____. **Metropolização: A Reprodução do Urbano na Crise da Sociedade do Trabalho.** In: Revista Cidades, Presidente Prudente, v. 6., N. 10, 2009.

_____. **São Paulo: A cidade, os bairros e a periferia.** In: CARLOS, A.F.A E OLIVEIRA, A. U. (ORGs): Geografias de São Paulo: representação e crise da metrópole. São Paulo: contexto, 2004.

SOUZA, J. Amilton de. **Catadores de lixo. Narrativas de vida, Políticas Públicas e Meio Ambiente.** Jundiaí: Paco editorial, 2011.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; e ROSA, Cleisa Moreno Maffei. **População de Rua: quem é, como vive, como é vista.** São Paulo: Hucitec, 1992.

VOLOCHKO, Danilo. **A moradia como negocio e a valorização do espaço urbano metropolitano.** IN: CARLOS, A.F.A; ALVAREZ, I. P e VOLOCHKO, D. (ORGs). A cidade como negócio. São Paulo: Contexto, 2015.